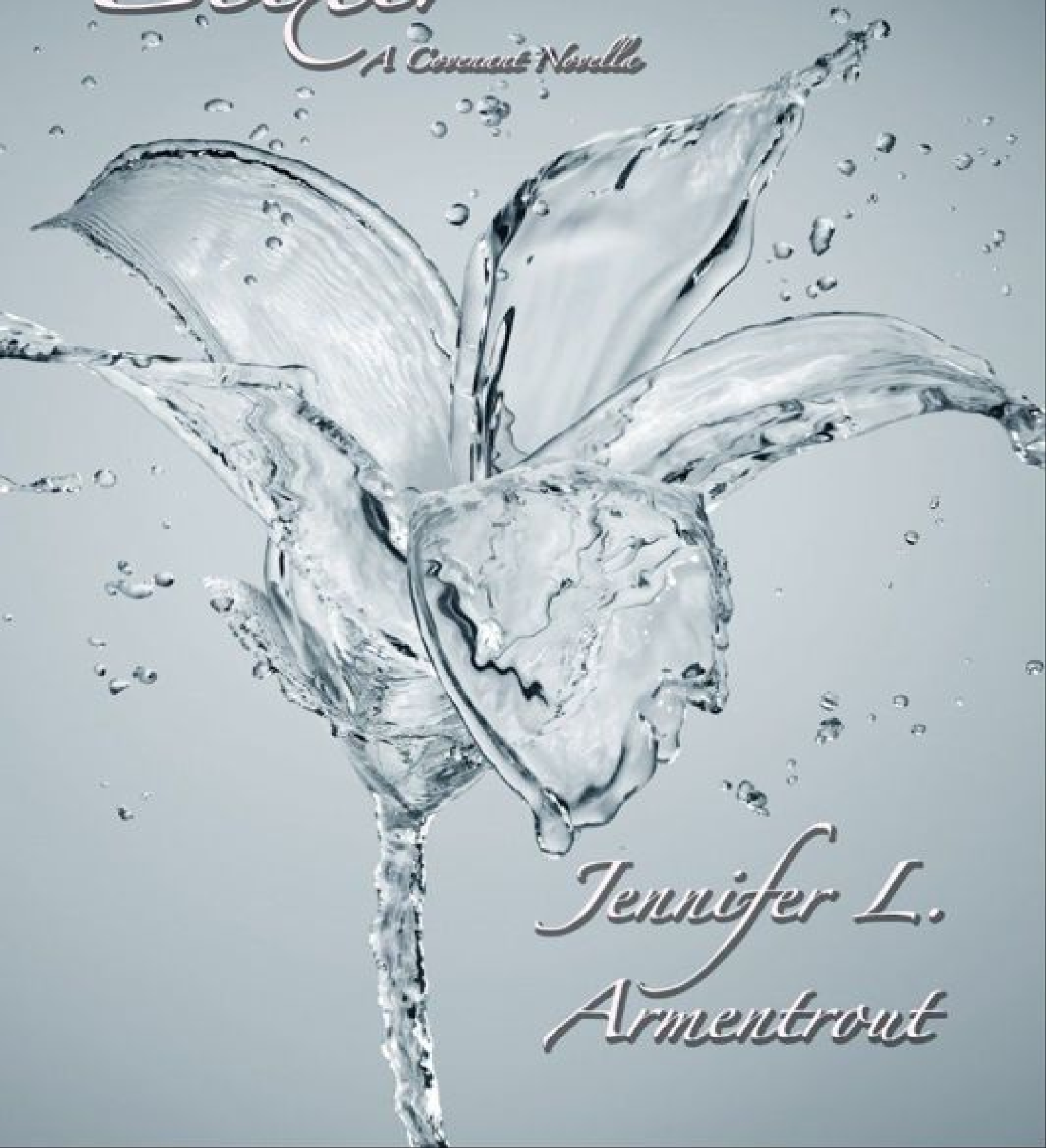
Elixir

A Covenant Novella



Jennifer L. Armentrout

Exilir

Série Covenant 3.5 - Jennifer L. Armentrout



Guia de Pronunciação

Aether: EE-ther
Ananke: ah-NAN-key
Agapi: ah-GAH-pee
Apollyon: a-POL-ee-on
Atropos: ah-TRO-poes
Clotho: KLO-tho
Daimon: DEE-mun
Hematoi: HEM-a-toy
Khalkotauroi: kal-koh-TOR-oy

Capítulo 1

Alex apertou as barras de titânio afiadas por Hefesto e Apollo, os olhos cor de âmbar queimando com ódio. Mas aqueles olhos... eles não pertenciam a Alex.

Os olhos de Alex eram quentes e marrons como um bom uísque. Eu memorizei os olhos a primeira vez que os vi naquele armazém em Atlanta. Esta era uma criatura completamente diferente.

Quando nos mudámos para a casa segura no fundo da Apple River, Illinois, quase a perdemos. Nenhum de nós, inclusive eu, estava pronto para a exibição completa do seu poder. Se Apollo não tivesse intimado Hefesto - o único deus que poderia construir algo que pudesse resistir ao Apollyon - a criar um espaço para manter Alex, nós não teríamos sido capazes de controlá-la.

— Se você não me deixar sair daqui, eu vou arrancar as costelas do seu irmão e usá-las como uma coroa.

Eu não demonstrei nenhuma emoção. Talvez eu tivesse me acostumado com as intimidações durante o último par de dias. Ameaçar matar Deacon era uma das favoritas de Alex. Ela ficaria entediada com isso em breve. Não tinha sido assim no começo. Ela tinha sido... quase normal, exceto por seus olhos cor de âmbar. Ela falava e parecia a Alex. Piadas como as de Alex. Discussões como as de Alex. E ela raciocinava como Alex.

Ela apertou as barras de titânio. Cada barra tinha sido ligada com um elo da cadeia inquebrável da rede que Hefesto tinha usado em Afrodite uma vez. Nem mesmo o Apollyon poderia rompê-las.

Acima dela, várias marcas tinham sido esculpidas no cimento, neutralizando a maior parte das suas recém-descobertas habilidades - não a paravam totalmente, mas o suficiente para que ela não fosse um perigo para si ou para os outros.

Por enquanto.

Meu sangue ferveu com a lembrança do que aconteceu depois que ela Despertou. Ela tinha se ligado com o primeiro - Seth - e não havia dúvida na mente de ninguém que ela tinha cedido sua localização. Eu completamente entendi que ela precisava ser movida e rapidamente, mas eu não concordei

com a forma como Apollo tinha feito isso.

Ele tinha-a atingido com um raio-divino.

E eu lhe dei um soco.

Eu estava surpreso de que eu ainda estava vivo.

— Você sabe como vai se sentir quando você ficar lá e me observar fazê-lo? — Ela provocou. — Assim como você estava lá e viu seus pais serem abatidos por daimons, mas isso vai ser muito mais doce.

Eu cruzei os braços.

Expirando lentamente, ela abaixou a cabeça e piscou para conter as lágrimas.

— Por favor. Aiden, *por favor* deixe-me sair daqui. — Eu fechei os olhos. Um músculo se contraiu ao longo da minha mandíbula. Esta... esta tática era a mais difícil.

— Por que você está me tratando assim? Eu não me sinto bem. Eu me machuquei. Por que você deixou-os me machucar desse jeito?

Meus olhos se abriram. Todos os músculos do meu corpo ficaram rígidos. Lágrimas se derramavam por suas bochechas, e por um momento - apenas um momento - eu esqueci que não era realmente Alex lá, pedindo e implorando.

— Eu pensei que você me amava!

Eu me movi tão rápido que ela se assustou. Minhas mãos passaram através das barras, apertando os lados de seu rosto. Minha testa pressionou contra as barras frias e meus lábios estavam nos dela. O beijo foi duro e rápido. Zangado. Desesperado.

Ela ficou imóvel, sem saber como responder. Várias vezes, nas últimas 48 horas essa tinha sido a única maneira de calá-la.

Afastei-me, soltando-a. — Porque eu te amo, eu não vou liberá-la.

Frustração rolou dela e ameaçou rasgar a pele dos *meus* ossos. O olhar com lágrimas desapareceu em um instante. Alex gritou e jogou-se para a parte de trás da cela. A três metros de distância das barras, inclinou-se contra a parede com as costas curvadas. — Você não pode me manter aqui para sempre.

— Eu posso tentar.

— Ele está vindo por mim.

— Ele nunca vai encontrá-la, — disse eu, sentando-me na cadeira de metal colocada em frente à cela. Eu tinha me assegurado que ela tinha tudo o

que precisava lá - um pequeno banheiro e uma cama que ela havia destruído e que tinha sido despojada de tudo exceto um colchão e cobertas.

Alex riu, empurrando-se para fora da parede. — Você não pode vencê-lo.

O meu olhar caiu para o prato de comida intocado junto da porta trancada. — Coma, Alex. Você precisa comer.

— Você nunca poderá ser *ele*.

Eu esfreguei os pêlos crescendo ao longo da minha mandíbula quando ela se aproximou lentamente do prato de comida, e esperança despertou dentro de mim. Ela não tinha comido nos quatro dias desde que ela tinha Despertado. Eu não tinha idéia de como ela ainda estava andando. Pegando o prato de comida, ela se afastou.

— Você vai comer a comida desta vez?— Perguntei cansado.

Alex sorriu e, em seguida, jogou o prato diretamente para onde eu estava sentado. Plástico bateu contra titânio antes de cair ruidosamente no chão. Pedaços de comida - batatas amassadas e talvez algum tipo de carne - passou através das grades, salpicando meu peito e rosto. Nós paramos de levar pratos de cerâmica depois que ela tentou transformar os fragmentos quebrados em armas.

Usando mais da minha paciência que estava se esgotando, eu lentamente limpei os pedaços de comida de cima de mim. — Isso te fez sentir melhor, Alex?

Ela fez beicinho. — Não na verdade. — Então, ela começou a andar, seus movimentos fluídos, apesar do fato de que ela tinha jogado o jantar para mim *novamente*. — Eu não aguento mais. Deixe-me sair ou então, maldito, eu vou destruí-lo.

Eu balancei minha cabeça. — Alex, você tem que estar aí. Eu conheço você. Meu coração não estaria batendo se você tivesse realmente desaparecido.

Deixando-se cair sobre o colchão, ela rosnou. — Deuses, não é tão doce? Meu coração está todo emocionado.

— Aqui está ele. — Levantei-me e agarrei as barras, refletindo suas ações anteriores. — Eu me perguntei quanto tempo levaria para trazê-lo para fora. O meu amor por ela o incomoda, Seth?

Ela rolou para o lado, as sobrancelhas subidas e rosto pálido. — Seth não está aqui, seu estúpido puro-sangue.

— Dói quando ele está conectado a você, não é?

— Ele não está aqui! — Ela gritou, sua voz quebrando.

Eu sabia que ela estava mentindo. — Ele está ai. — Debrucei-me contra as barras. — Eu posso vê-lo em seus olhos.

Alex enrolou-se, dobrando os joelhos contra o peito. Um arrepio rolou através dela. Eu sabia o que ela estava fazendo - se retirando para dentro de si, alcançando Seth, fazendo contato com ele.

— Alex, — Eu disse.

Suas mãos se fecharam em punhos quando ela levantou a cabeça. — Vá embora.

Meus olhos encontraram os dela. — Nunca.

— Eu te odeio, — Ela sussurrou, e ela parecia que estava falando sério. — Eu te odeio!

— Isso não é verdade. Alex me ama.

Ela revirou os olhos. — Eu *sou* Alex, seu idiota. E eu não te amo. Eu preciso…

— Você precisa de Seth. — Fogo estalou através de mim quando eu agarrei as barras até que meus dedos doessem. No fundo, eu sabia que não era apenas Seth que estava forçando-a a se comportar assim. Sim, um pouco do que ela disse era Seth, mas era a *necessidade* controlando-a. A necessidade de estar perto do Primeiro era uma coisa tangível - potente e real.

Eu podia sentir o gosto.

Lembrei-me do que o oráculo tinha dito a ela sobre a necessidade durante o verão. Parte de mim não tinha compreendido isso na época, mas eu compreendia agora. Necessidade estava destruindo-a, me destruindo.

— Necessidade não é amor, Alex.

Antes que Alex pudesse responder, a porta se abriu. — Oh! — Ela desenrolou suas pernas e bateu palmas. — Mais visitantes para me verem? Sou tão sortuda. Estou cansada de ver o rosto *dele*.

Marcus, o tio puro-sangue de Alex, olhou para mim. — Eu vejo que ela está de bom humor.

Eu bufei.

Ela se levantou, balançando anormalmente para a direita. O colchão, o último item deixado no quarto, flutuou a vários metros do chão.

Nós tínhamos retirado todo o resto. O uso dos elementos agora era fácil para ela.

Ela parecia apenas querer que acontecesse e acontecia. E deuses, ela adorava fazer isso.

Marcus e eu olhamos, morbidamente fascinados com a exibição. Estava mais forte do que ontem, o que significava que a magia protetora estava passando. Hefesto teria que fazer outra visita em breve.

— E onde é aqui? — Ela empurrou essas palavras, alimentando-as com poder.

Dei um passo para trás, suas palavras me percorreram, respiraram dentro de mim.

Forçando-me a quebrar o contato visual com Alex, eu me virei para Marcus. Seus olhos estavam vidrados e vagos. Ele estava à segundos de derramar a nossa localização. Eu coloquei minha mão sobre o ombro de Marcus.

Ele piscou, e então praguejou. — Sou só eu ou ela está ficando melhor?

Alex riu, e parecia estranho, lembrando-me do menino assustador em Pet Sematary. Aquele que correu por aí matando as pessoas com um bisturi.

— Eu acho que sim. Seria de pensar que ela iria enfraquecer, uma vez que ela não comeu nada. — Eu a vi voltar para o colchão. Ela parou, olhando por cima do ombro para nós. Seus olhos se estreitaram, e eu não podia esperar para descobrir o que ela estava aprontando agora. — De qualquer forma, é preciso certificar-se de que *ninguém* venha aqui.

Marcus assentiu. A casa era um pedaço da propriedade do pai de Solos, mas tinha tráfego de Sentinelas. Alguns paravam enquanto viajavam para novas atribuições, logo tínhamos que manter a porta do porão selada quando estranhos estavam na casa, o que era muitas vezes.

O lugar estava lotado com os acontecimentos mais recentes. Muitos estavam sendo movidos para fora do oeste, rumo à direção do que restava da Ilha Divindade ou ao Covenant de Nova York.

— Marcus? — Alex se adiantou até nós.

— Sim, Alexandria?

Um lado de seus lábios inclinou-se quando o seu olhar deslizou para o meu. — Incomoda-lhe que Aiden e eu... como posso dizer? Que ele me viu nua? Várias vezes.

Oh. Caros. Deuses. Aqui vamos nós outra vez. Balançando a cabeça, eu limpei a minha mão sobre os olhos. — Alex...

Marcus endureceu. — Eu tive tempo para chegar a um acordo com isso.

Eu não posso dizer que estou surpreso, no entanto. — Ele olhou para mim, franzindo o cenho. — Se há uma regra, você vai quebrá-la, Alex. Mas eu não esperava que Aiden fosse tão...

— Irresponsável, — Ela forneceu amavelmente, e eu revirei os olhos. — E um bastardo por se aproveitar de mim, sua pobre sobrinha que passou por tanta coisa? Ele se aproveitou de mim. Usou uma compulsão em mim. Ele me *obrigou*.

Minha mão caiu ao meu lado. Horror rolou através de mim, deixando-me cambaleando. Ela não tinha apenas... ela tinha.

— Ele é um filho da puta, — Marcus respondeu friamente, — Mas eu duvido que ele se aproveitou de você ou usou compulsão.

— Obrigado, — Eu murmurei.

Alex encolheu os ombros enquanto se aproximou de nós. — Ele quebrou as regras. Você não deveria estar mais chateado?

— Honestamente, de tudo o que está acontecendo, essa é a menor das minhas preocupações. — Marcus sorriu, e seus olhos brilharam com uma cor amarelada aquecida. — E realmente, se vamos fazer uma lista calculando quantas regras foram quebradas, acho que você a cobre.

— Mas *ele* usou compulsão em um puro.

— E *você* matou um. Olho por olho, Alexandria. — Embora esta não era a primeira vez que tivemos essa conversa com Alex, nunca deixava de me surpreender como a calma de Marcus permanecia com ele.

— Então você deve nos punir. — Ela inclinou-se para as barras, mas manteve as mãos para os lados. — Regras são regras, tio. Leve-nos ao Conselho.

— Nós não vamos deixar você sair, — Eu cortei. — Tente outra coisa, Alex.

Ela puxou os lábios para trás e fez um silvo muito sonoro. — Que tal você vir aqui?

Eu mostrei meus dentes para ela. — Você gostaria disso, não é?

Suas mãos flexionaram ao lado do corpo e ela se afastou das barras, mantendo os olhos fixos em mim. — Eu amaria isso. — A porta se abriu, derramando luz descendo as escadas de concreto. Marcus virou-se, mas eu mantive meu olhar sobre Alex. Havia um desafio em seu olhar - um desafio. Ela queria lutar, e mesmo com seus poderes elementais um pouco neutralizados, ela seria um inferno de uma adversária. Mais qualificada do

que a última vez que eu a tinha incitado a lutar contra mim. Pensando nisso, lembrei-me de como a luta tinha terminado.

Alex tinha me beijado.

Meu estômago apertou, embora eu sabia que não ia terminar assim desta vez. Se ela tivesse as mãos sobre mim, ela iria tentar me matar. Eu tinha que ficar me lembrando disso. Quando ligada a Seth, ela não era a garota que eu tinha admirado quando a tinha visto em torno do Covenant, ou aquela por quem eu tinha me apaixonado.

— Marcus? Aiden? — Solos chamou do topo da escada. — Vocês estão aí em baixo?

— Não venha para cá, — Eu lembrei a ele, olhando para a Alex de repente alerta. Mestiços eram mais suscetíveis a compulsões, e ela tinha um baita poder.

— Não estava planejando isso, — Respondeu ele. — Vocês são necessários aqui em cima. Apollo está de volta.

Marcus me lançou um olhar cheio de significado, e, em seguida, olhou para Alex antes de subir as escadas. A chegada de Apollo dava esperanças de que ele tinha encontrado alguma coisa para quebrar a ligação que mantinha Alex e Seth juntos.

Alex disparou na direção das barras, segurando-as. — Não se atreva a me deixar.

Ouvi os passos de Marcus pararem no topo dos degraus. — Eu pensei que você estava cansada da minha cara, Alex.

Fechando os olhos, ela pressionou a testa contra as barras. — Eu odeio isso aqui. Eu não posso aguentar. O silêncio... Eu odeio o silêncio. — E eu odiava o tom de dor verdadeira em sua voz.

— Você não respondeu minha pergunta.

A pele ao redor dos olhos dela enrugou quando as sobrancelhas se juntaram. — Tudo bem. Saia. Eu não me importo. Odeio você de qualquer maneira.

Aproximando-me das grades, eu deslizei minha mão para dentro completamente. Meus dedos afastaram o emaranhado de cabelo. Alex estava tão quieta que eu não tinha certeza de que ela estava respirando quando eu encontrei a corrente e puxei-a suavemente de modo que a rosa de cristal fosse embalada em minha palma.

Ela tomou uma respiração afiada, mas não fugiu.

— Se você me odiasse, você teria destruído isso.

— Dê-me tempo e eu o farei.

Eu ri e soltei a rosa. Ela abriu os olhos, me olhando com cautela. — Não. Você não vai. Enquanto você usar isso, eu sei que ainda há uma parte de você aí dentro. Que ainda há esperança. — Alex pegou o colar, agarrando-o em um punho enquanto se afastava. Em vez de rasgá-lo fora de seu pescoço, ela segurou-o e retirou-se de volta ao seu colchão. Sentando-se, ela se encostou na parede e puxou os joelhos contra o peito.

A esperança cresceu como uma muda frágil, e guardei-a com cuidado. Eu me afastei das grades. — Eu vou lhe trazer algo para comer e beber mais tarde. — Não houve resposta, e eu sabia que não ia conseguir uma. Girando, corri pelas escadas. Marcus e Solos esperavam no corredor estreito.

— Ela ainda não comeu? — Perguntou Solos, esfregando a mão ao longo da cicatriz irregular que lhe cortava o rosto do olho ao maxilar.

Passando por eles, eu balancei minha cabeça. Ela não comer era uma grande preocupação. Apollyon ou não, ela não poderia durar muito mais tempo assim sem consequências duradouras.

Solos seguiu nos meus calcanhares. — Nós poderíamos sempre segurá-la e forçá-la.

— Você chega próximo de um meio metro dela, e ela vai ter você pendurado nas vigas do porão. — Marcus avaliou o sentinela mestiço com um olhar sombrio. — Nem pense nisso.

— Sem mencionar que eu tenho certeza que ela acabaria vomitando a comida de volta. — Eu empurrei meus dedos pelo meu cabelo enquanto me dirigia para o escritório. Havia uma agitação não natural no ar, uma fissura de poder.

Um poder divino.

— Aviso prévio gente, Apollo *não* está em um bom humor, — Solos anunciou, e meu estômago afundou. — Eu não acho que ele foi bem sucedido em encontrar uma maneira de quebrar o vínculo. Eu odeio dizer isso…

Virei-me tão rápido para o meio-sangue que ele deu um passo vacilante para trás. — Então não diga.

— Aiden, — Marcus avisou.

Solos ergueu as mãos. — Olha, tudo o que eu estou dizendo é que nós temos que considerar a possibilidade de que não podemos quebrar o vínculo.

— Não há nada mais a se considerar. — Eu tomei uma respiração

profunda, procurei a paciência que eu tinha cultivado enquanto criava meu irmão, e não encontrei-a. — Nós vamos encontrar um caminho.

— E se nós não encontrarmos? — Solos atirou de volta, sacudindo a cabeça. — Nós a deixaremos sair da gaiola, para que ela e Seth possam ir com tudo tipo Bonnie e Clyde[1], no mundo? Ou vamos deixá-la apodrecer no porão e morrer de fome?

— Solos, estou avisando que seria sábio parar, — disse Marcus.

— Não me entenda mal. Eu gosto de Alex. Eu acho que ela é uma garota muito legal, — Solos continuou. — Mas não é mais humano tirá-la de sua miséria em vez…

Meu punho se conectou com sua mandíbula antes mesmo de eu saber o que estava fazendo. Sua cabeça inclinou para trás quando ele cambaleou para o lado. Eu me joguei para frente, agarrando-o pela camisa e jogando-o contra a parede, sacudindo várias pinturas.

— Aiden! — Marcus gritou.

— Nós não vamos machucar Alex, — Eu rosnei, levantando o Sentinela para as pontas de suas botas. — Nós não vamos tocar em um fio de cabelo dela. Você me entende?

Os olhos de Solos saltaram. — Eu sei que você a ama…

— Você não sabe de nada. Você com certeza não sabe as medidas que irei tomar para mantê-la segura. — Eu soltei-o e ele caiu contra a parede.

— E se isso significa matar um meio-sangue para ter certeza que nada vai acontecer com ela, eu não vou hesitar.

— Tão divertido quanto você está com tudo isso, nós precisamos conversar, — Veio a voz estrondosa de Apollo de dentro da sala. — Então pare com isso, Aiden.

Solos se endireitou, colocando sua mandíbula no lugar. — Aiden, eu não quis dizer…

— Quieto. — Eu me virei e passei por Marcus, entrando na sala.

Ao dar uma olhada em Apollo, meus olhos se estreitaram. — Não diga isso.

— Oh, você vai me bater de novo? Eu meio que gostei da primeira vez. — De jeito nenhum eu iria. Atravessei a sala e afastei uma cortina pesada. A noite já tinha caído sobre os olmos e carvalhos altos. Seus galhos ainda estavam nus, como esqueletos - uma paisagem que eu teria achado uma vez bonita agora parecia desolada e sem esperança.

— Você descobriu algo? — Perguntou Marcus.

— Eu descobri, mas nós temos problemas maiores do que Alex agora. — Enfrentando os dois, eu me inclinei contra a vidraça fria. — Como assim?

— Parte de mim tem medo de perguntar, — disse Marcus. Solos riu e fez uma careta. Movendo-se para o sofá de couro, Marcus sentou-se. — Porque eu realmente não sei o que poderia ser pior do que Alex se virar contra todos nós.

Apollo arqueou uma sobrancelha. — Oh, isso é pior.

— Você está apenas arrastando isso para o efeito dramático? — Minha paciência estava seriamente em falta.

Os brancos fantasmagóricos de seus olhos estalaram, e o cheiro de ozônio queimado encheu a sala. Marcus balançou a cabeça, mas eu levantei minhas sobrancelhas, imperturbável, porque, honestamente, nada realmente me incomodava mais.

Os lábios de Apollo se contorceram em um sorriso. — Há uma guerra sendo preparada.

Capítulo 2

Okay, supus que era meio difícil superar essa. Uma risada cortante e seca me escapou enquanto eu me afastava da janela. — Uma guerra?

Agora que ele tinha a atenção de todos, Apollo pareceu crescer em altura. — Uma guerra entre os deuses e aqueles seguindo o Primeiro. — Marcus amaldiçoou. Ele vinha fazendo muito isso ultimamente. — Os deuses vão enfrentar Seth?

— Eles estão planejando enfrentar Seth e qualquer um que apoiá-lo. — Seu lábio se curvou com desgosto. — Isso incluiria Lucian.

— Não há nenhuma maneira de Lucian poder acumular tais seguidores. — Solos inclinou-se sobre o encosto do sofá. — Juntar-se a ele seria insanidade.

— Mas Lucian tem o Apollyon. Isso por si só tem um apelo. — Marcus recostou-se, parecendo tão exausto quanto eu me sentia.

— Você está correto, — Apollo respondeu. — Temos ganhado conhecimento de que muitos estão do lado dele.

— Você tem espiões? — Perguntei, curioso.

Apollo sorriu, e foi exatamente tão arrepiante quanto a risadinha infantil de Alex tinha sido mais cedo. Ele estalou os dedos e houve uma explosão de poder bruto que rolou pela sala como uma onda de choque. Uma luz azul tremeluziu ao lado de Apollo e um formato humano começou a ganhar forma.

Um homem - quase 2.1 metros de altura, com um curto cabelo loiro espetado - apareceu. Ele tinha uma impressionante semelhança com Apollo e compartilhava os mesmos olhos, totalmente brancos. Vestido com bermuda cargo, chinelos, e uma camisa de Jimmy Buffett, parecia um desistente da faculdade.

E ele era um deus.

Talvez um dia me acostumasse com deuses aparecendo e desaparecendo como se não houvesse amanhã, mas depois de passar toda a minha vida sem nunca ter visto um, era quase esmagador ficar na mesma sala com algumas das criaturas mais poderosas que já existiram.

Aparentemente, algumas das mais putas, também.

Marcus disparou de pé rapidamente e curvou-se, junto com Solos e eu.

Não que o deus tenha percebido. Ele se virou para Apollo com uma carranca feroz.

— Você estala o dedo e exige que eu apenas apareça? Como se eu não tivesse nada melhor para fazer?

Apollo sorriu maliciosamente. — Não foi isso o que aconteceu?

— Eu não sou um dos seus servos, irmão. Da próxima vez, vou romper esse dedo e empurra-lo tão longe acima do seu…

— Temos uma audiência. — Apollo gesticulou na nossa direção, e eu tinha certeza de que todos nós usávamos a mesma expressão de choque e temor. — E ninguém quer ouvir sobre as coisas que você gosta de fazer no seu tempo livre, Dionísio.

O deus do vinho e festas ininterruptas riu de seu irmão e caiu em uma cadeira. Esticou suas longas pernas e esfregou a barba ao longo do seu queixo. — O mínimo que você poderia fazer é garantir que eu tenha alguns refrescos aqui.

Marcus voltou à atenção bruscamente. — Podemos conseguir algo. Há vinho…

— Não é necessário. — Os olhos de Apollo se estreitaram. — E o mínimo que você pode fazer é manter uma conversa por cinco minutos, sem estar bêbado.

— Tanto faz. — Dionísio virou a cabeça na nossa direção e riu baixo. Parte de mim se perguntava se ele estava bêbado agora. — Dois puro-sangues e um mestiço, mas há algo muito, muito mais nesta casa. — Seus olhos flamejaram quando ele farejou o ar. — Ah, sim, a pequena fêmea Apollyon está aqui. — Eu enrijeci ao óbvio som de interesse na voz de Dionísio.

Apollo me lançou um olhar, um que advertia que nenhum outro deus seria tão tolerante quanto ele fora quando se tratava de dar socos. — Você sabe que ela está aqui e sabe que não é por isso que você está aqui.

— É por isso que você deixou Ananke tão inquieta esta manhã? — Dionísio sorriu corajosamente.

Ao som do nome de Ananke, mil emoções violentas rugiram à vida dentro de mim. Comecei a me mover mas parei. Tensão em espiral travou meus músculos. Apollo não ousaria. Até mesmo Solos empalidecera. Todo mundo sabia sobre quem e o que Ananke presidia, e isso não era um bom presságio para Alex. Raiva me deixou sem palavras, e antes que eu pudesse me recuperar, Marcus falou.

— Por que você está envolvendo Ananke?

Apollo o dispensou com um aceno de mão. — Agora não é o momento para discutir isso. Dionísio ganhou informações que deixaram todos do Olimpo se preparando para a guerra.

Dionísio bocejou. — Por mais que política e sangue e me aborreçam, eu sou de grande utilidade quando se trata de colher informações daqueles que estão a par.

— Vinho e bebida, — Solos murmurou.

— Soltam a língua, — Dionísio terminou, sorrindo amplamente. — Há uma espécie de acampamento cercando o movimento de Lucian e o Primeiro. Malditamente perto do tamanho de um exército. Eles tem se movido para os arredores do Covenant do Tennessee. Meus irmãos e irmãs estão os observando de perto.

Maldição. Se Seth e Lucian fossem atrás do Conselho lá, os deuses iriam retaliar novamente, e mais vidas inocentes seriam perdidas.

— Há mais de cem Sentinelas e Guardas mestiços com eles, — Acrescentou como uma reflexão tardia.

— Queridos deuses, — Solos resmungou, esfregando a têmpora.

— O que quer que os dois estejam vendendo, aquelas pessoas estão comprando, como viciados em crack. — Dionísio estudou as unhas, parecendo entediado. — Sem ofensa, mas os mestiços são como primos idiotas se verdadeiramente acreditam que ficar contra nós é sábio.

Não tive que olhar para Solos para saber que o comentário não o agradou. — Lucian provavelmente está oferecendo-lhes uma coisa que ninguém nunca ofereceu.

— E qual é? — Dionísio perguntou.

— Liberdade. — Sentei-me no braço do sofá. — A liberdade para fazer o que desejarem e não estar em débito com os puros em qualquer forma.

— Mas este é livre, não é? — Dionísio fez um gesto para Solos.

— Livre? — Solos se endireitou. — Se me permite ser franco?

— Claro, — O deus respondeu. — Por que não?

Solos tomou uma respiração superficial. — Se tornar um Sentinela foi o menor de dois males. Minhas escolhas foram me permitir me tornar contratado e ter tudo o que eu sou descascado de mim, ou esta vida, que é a que mais provavelmente assegura uma sepultura precoce. Como isso é liberdade?

As sobrancelhas de Dionísio se uniram. — Você não sente que seu dever é honrado o suficiente?

— Não tem nada a ver com o dever dele, — Eu intervim, olhando de relance para Apollo.

— Os mestiços que são Guardas e Sentinelas acreditam em seus deveres e dar suas vidas por eles, mas não lhes demos qualquer escolha - não o mesmo tipo de escolha que eu tive. E se Lucian está os tentando com a ideia de escolher seus próprios destinos, então podemos realmente culpá-los?

— Compreendo esse desejo, Aiden, e talvez haja uma necessidade de mudança, mas não podemos permitir que Lucian os leve à guerra contra nós, — Apollo disse. — E eu sei o que você está pensando - que aqueles o seguindo são inocentes em sua ingenuidade, mas isso não muda o desfecho se eles forem contra nós.

— Que é exatamente o que eles estão planejando, — Dionísio disse, muito para o desânimo de todos. — Uma noite atrás, eu garanti que vários mestiços que estavam com Lucian estivessem bem abastecidos no departamento de uísque e enviei algumas das minhas… garotas. Aprendi que eles estão planejando fazer um movimento no Covenant de Nova Iorque, mas estão esperando por Seth e a namoradinha dele.

Meus dentes iam quebrar com o quão duro eu os estava cerrando.

Marcus se inclinou para frente, juntando as mãos. — O que eu não entendo é como nenhum de vocês pode eliminar Lucian.

— Não podemos chegar perto dele. Ele está sempre acompanhado pelo Primeiro. — Dionísio deu de ombros. — E não podemos prejudica-*lo*, mas ele pode nos prejudicar.

— Algumas contusões, — Eu disse. — Sem estar em plena potência, ele não pode te matar.

As sobrancelhas Dionísio subiram. — Ele matou a fúria de Thanatos.

— Drenando Alex do poder dela, — Argumentei. — Sem ela próximo, ele não pode explorar isso.

— Não vamos correr o risco. — Apollo se inclinou contra o assento. — Ele pode nos colocar fora de combate. Se um de nós for enfraquecido, assim estaremos todos nós.

— A família que…

— De qualquer forma, — Apollo interrompeu Dionísio. — De acordo com o que ele aprendeu, eles estão planejando um assalto completo em todos

os Covenants. Não podemos permitir isso.

— Então, o que o Olimpo planeja? — Marcus perguntou, ombros se dobrando como se o peso deste conflito repousasse sobre eles.

— Vejam, aí está o problema. — Ouvir a palavra 'problema[2]' sair da boca de Dionísio apenas parecia errado. — Planejamos ir para a guerra, mas há dissensão entre os líderes destemidos.

— Que tipo de dissensão? — Esfreguei a palma da mão sobre minha têmpora, pressionando contra uma dor maçante sem dúvida provocada pela falta de comida.

— Seis querem aniquilar o problema, — Dionísio disse casualmente, como se estivesse discutindo onde ele conseguiu sua camisa berrante-para-caramba.

— Ir atrás de Lucian e aqueles o apoiando? — Solos perguntou. — Eliminar o maior número possível?

Apollo assentiu. — O resto de nós acredita que ainda há esperança de que uma guerra em grande escala possa ser evitada, porque se formos para a guerra, o que aconteceu com os Titãs não será nada comparado com isso. A contagem de corpos vai incluir mortais - possivelmente milhões deles. Não há nenhuma maneira de que isso possa ser evitado.

Ainda há esperança. Essas três palavras geraram imagens de Alex embalada contra o meu peito, falando sobre Seth apenas pouquíssimas semanas atrás.

Ela tivera esperanças nele - até o momento em que ele se conectara com ela.

— Para não mencionar o risco de exposição, — Acrescentou Marcus. — Deuses, isto é…

Não havia palavras.

Isso meio que me atingiu então. Nenhum de nós - nem mesmo os dois deuses - realmente previra isto há um ano. As profecias não haviam previsto que o mundo estaria à beira de uma guerra do tipo que nunca tinha sido vista antes - uma guerra que iria despedaçar este mundo.

— Acreditamos que a guerra pode ser interrompida, — Apollo continuou, — mas os outros estão em dúvida, especialmente com os eventos mais recentes.

— Alex, — Sussurrei, agora habituado à pontada que disparou pelo meu

peito.

Dionísio ficou de pé. — Muitos estavam dispostos a ficar fora disso, mesmo depois do que o Primeiro fez ao Conselho da Carolina do Norte. Apenas Poseidon e Hades foram rápidos em responder, mas agora que ela está conectada, eles não têm nenhuma esperança. E eles estão buscando…

Inquietação se agitou e se espalhou como uma erva daninha. — Buscando o quê?

Com um suspiro, Apollo disse, — Uma forma de matar os Apollyons.

Capítulo 3

Eu me esforcei para manter minha expressão vazia e o meu temperamento controlado, mas a raiva estava me rasgando, despedaçando o meu controle. Levou tudo em mim para eu não sair do quarto e descer para lá embaixo para manter vigília sobre Alex.

Solos me olhou e limpou a garganta. — Eu tinha a impressão de que apenas os Apollyons pudessem matar um ao outro.

Minhas mãos se fecharam em punhos quando Apollo se virou para mim. — Você sabe. — Agora Marcus e Solos me encaravam, e eu queria enfiar minha mão através de uma parede. — A Ordem de Thanatos matou Solaris e o Primeiro.

De alguma forma eles sabem como fazê-lo, o que significa que os deuses também não o fariam?

Dionysus riu. — Thanatos presenteou a Ordem com a habilidade - um código ou algo - mas até mesmo Thanatos não consegue lembrar o que é. Nunca deveriam ter existido dois Apollyons... nunca a possibilidade de um Assassino de Deuses. Pensando que não necessitaria novamente, ele não escreveu o que era. Idiota.

Eu deveria me sentir mal por me sentir aliviado?

— A Ordem sabe, mas com a morte do Telly, eles se espalharam. Sem mencionar que alguns dos Sentinelas sob o comando do Lucian não estão caçando daimons mais. — Apollo pausou e olhou para a porta. – Eles começaram a caçar membros da Ordem.

— Bons deuses. — Marcus caminhou até a janela. Parando, ele arrastou seus dedos pelo cabelo. — Eu nem sei o que é pior.

Havia uma impressão distinta que havia mais. Depois de mais algumas alfinetadas direcionadas ao Apollo, Dionísio desapareceu, e um pouco da pressão diminuiu do cômodo. — Ele está do nosso lado? — Eu perguntei.

Apollo riu secamente. — Sim, mas não por que ele se sente da mesma maneira que nós. Apenas porque ele é muito preguiçoso para ir para a batalha. — Bem, isso era bom para algo. Eu suspirei. — Há mais, não é? E tem a ver com a Alex.

— Sim. — Ele olhou na direção da porta novamente, olhos se

estreitando. Se virando novamente para mim, ele acenou. A mensagem era clara... o mesmo olhar que nós dividimos dezenas de vezes nos últimos anos, quando ele era conhecido como Leon. Nós tínhamos espiões. Mãos formando punhos nas minhas laterais, eu caminhei até a porta enquanto Solos continuava a ganhar informação de Apollo sobre os Sentinelas caçando a Ordem.

Duas sombras estreitas se arrastavam pela parede do corredor, e eu tinha certeza que os dois pensavam que tinham a discrição do James Bond. Mas eram mais como dois dos Três Patetas. Há quanto tempo eles estavam parados do lado de fora do cômodo, e eu iria estrangulá-los? Possivelmente. Eu saí.

Deacon saltou para trás, batendo em um Luke igualmente despreparado.

Alguém poderia pensar que, depois de todo o treinamento do Luke, ele teria se recuperado bem mais rápido, mas as coisas eram diferentes agora. O Covenant não havia treinado seus estudantes para encarar o que estava por vir.

Um olhar envergonhado atravessou o rosto do meu irmão enquanto ele se endireitava e passava a mão pelos seus cachos loiros bagunçados. Em vez de estar irritado com ele por estar escutando, eu estava aliviado que ele estava aqui comigo, quando as coisas pareciam estar desabando em cima de nós.

— Oi, e aí, irmão... — Ele disse.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Deacon, o que você está fazendo? — Os ombros do Luke se endireitaram, e então ele deu um passo na frente do Deacon.

— Foi minha idéia, Aiden.

— Na verdade, não. — Deacon revirou os olhos. — Eu senti a presença de outro deus e disse ao Luke...

— Mas eu sugeri que nós viéssemos descobrir o que estava acontecendo. — Luke respirou fundo. — Vocês têm mantido nós por fora de tudo, e esse negócio nos envolve também.

— Provavelmente porque é mais seguro desse jeito para vocês, — Eu apontei.

Luke balançou a cabeça. – Honestamente, considerando o quanto tudo está tão bagunçado no momento? Com a Alex Má trancada no porão e um *guerra* fermentando, nos manter seguros não é uma prioridade máxima. Nós deveríamos saber o que está acontecendo. Nós podemos ajudar.

Meu respeito pelo jovem mestiço lutou para se mostrar na forma de um sorriso. — Como vocês dois poderiam ajudar?

— Nós não descobrimos essa parte ainda, — Deacon respondeu, se inclinando contra a parede. — Mas eu tenho certeza de que há algo. E eu acho que a Lea vai chutar os nossos traseiros se ela for forçada a passar mais uma noite conosco.

Eu franzi a testa. — Onde a Lea está?

A mestiça já havia passado por muita coisa, e todos nós estávamos mantendo um olho nela. Primeiro, ela havia perdido o pai dela e madrasta em um ataque de daimon orquestrado pela mãe da Alex, e então o Seth matou a irmã dela durante o ataque dele no Conselho. Eu sabia que as ligações dela com essas mortes havia atingido a Alex.

— Dormindo, — Meu irmão respondeu, entortando seu pescoço, tentando ver atrás de mim. — Que deus estava aqui?

Não havia razão para manter isso um segredo. — Dionísio.

— Cara? Você está falando sério? — Deacon parecia desapontado. – Ele é o meu deus favorito de todos os tempos.

— Por que isso não me surpreende? — Luke murmurou.

E isso não meu surpreendeu também. Apesar de que o Deacon tenha cortado a bebida, ele poderia facilmente ser confundido como alma-gêmea do Dionísio.

Eu tinha uma decisão a tomar - manda-los embora ou trata-los como os adultos que eles quase eram. Luke estava - ou tinha estado - a meses de se graduar. Logo ele estaria mundo afora caçando daimons, mas parte de mim rejeitava a idéia de arrastar Deacon mais ainda nisso do que ele já estava.

Mas eu não podia tratar Deacon como um bebê para o resto da minha vida. Talvez eu tivesse feito muito disso já, o que poderia explicar um pouco do seu comportamento anterior e por que ele não se sentia confortável conversando comigo sobre o relacionamento dele com Luke.

Eu assenti. — Vamos.

Os dois olharam para mim como se eu tivesse acabado de proferir o meu amor por Seth, mas eles se atiraram para frente, como se estivessem preocupados que eu fosse mudar de idéia. Seguindo-os para dentro do cômodo, eu revirei os olhos quando o Apollo arqueou uma sobrancelha.

— Ok, — Apollo disse, olhando ao redor no cômodo. — Agora que todo mundo que é alguém está aqui, nós temos mais uma coisa para discutir.

— Luke sorriu enquanto ele se movia para ficar ao lado de Solos, e o meu irmão foi até a cadeira o mais longe possível de Apollo. Eu não conseguia entender a sua aversão por Apollo, e queridos deuses, se *aqueles dois* tivessem algo acontecendo, eu teria que machucar alguém.

— Alex, — Marcus disse, se inclinando contra a mesa. Sua mão direita distraidamente girou quase um círculo.

Apollo fez uma careta, e eu sabia que isso seria ruim. — A única esperança de nós prevenirmos uma guerra massiva é se a Alex... mudar de idéia e concordar em derrubar o Seth.

No passado, Alex nunca concordaria com isso, mas agora? Se nós pudéssemos de alguma forma convencê-la e quebrar a ligação, ela iria atrás de Seth?

E eu queria mesmo que ela fizesse isso? Ela poderia se machucar... morrer. Enquanto Sentinela, eu precisava aceitar esses riscos, mas enquanto homem, eu não conseguia quando se tratava da Alex.

— Nós achamos uma maneira de quebrar a ligação... temporariamente, — Apollo continuou. Ele piscou, e íris azuis brilhantes apareceram. Eu tive que desviar o olhar, porque isso me lembrava de como a Alex odiava os olhos dos deuses e como Apollo os disfarçava por causa dela. – Nos dará tempo para encontrar uma solução permanente.

Tudo se centralizava no que Apollo acabava de dizer. Uma quebra temporária na conexão era melhor do que nada. A adrenalina da antecipação não podia ser evitada e quase me derrubou. — Que quebra temporária?

— Você não vai gostar - nenhum de vocês vão gostar - mas é a única opção que nós temos no momento. — Minhas mãos flexionaram. — Apenas vai logo com isso. Que quebra?

As sobrancelhas de Apollo se franziram. Eu tinha certeza que se não fosse pela amizade que nós cultivamos durante as caçadas, ele teria queimado o meu traseiro já. — Eu falei com Ananke...

— Não, — Marcus disse antes que eu pudesse abrir a minha boca. Ele se empurrou da mesa. — Há apenas uma razão porque você estaria falando com Ananke, e a resposta é não.

O deus cruzou seus braços e pela maneira como o seu rosto inteiro endureceu, eu podia dizer que ele não estava acostumando a ouvir não. — Eu sei que o pensamento é repugnante.

Uma onda quente de raiva torceu meu interior em nós crus. —

‘Repugnante’ não é a palavra que eu estou pensando, — Eu falei com meus dentes cerrados.

— Ok, eu não entendo. — Deacon tirou os cachos loiros de seus olhos e fez uma careta. — Eu estou totalmente reprovando Mitos e Lendas. Quem infernos é Ananke?

O afeto na voz de Luke estragou seu sorriso de escárnio. — Além do fato de ela ser a mamãe das Moiras e do destino, ela reina sobre a compulsão e todas as formas de escravidão e servidão - servidão como um tipo de aprisionamento.

— Nossa habilidade de usar compulsão é um dom dado por Ananke, — Marcus explicou, com olhos estreitos. — Ela é uma deusa menos conhecida, praticamente esquecida.

— Exceto que foi ela que teve a idéia do Elixir que mantém os mestiços numa servidão dócil. — A mandíbula de Solos ficou tensa.

Deacon olhou para Apollo, seu nariz se enrugando. — Então por que você está entrando em contato com uma deusa que...? — A boca dele se escancarou. – Ah. Merda. Você quer colocar a Alex no Elixir?

Eu cruzei os braços para evitar de bater em alguém. — Não. Apollo, absolutamente não.

— Eu nem mesmo sei por que nós estamos discutindo isso. — Solos seguiu para o sofá, sabiamente evitando a área ao meu redor. Eu era como um gêiser a segundos de entrar em ebulição. Ele parou ao lado de Marcus. — O Elixir não vai funcionar no Apollyon, certo?

— Não do tipo que nós damos aos mestiços, mas a Alex estaria recebendo algo diferente. — Apollo pausou. — Ela estaria recebendo algo mais forte. Ananke me assegurou que isso iria quebrar a ligação, e os efeitos iriam ser apenas temporários. Não é a mesma coisa que é feita com os outros.

— Não é? Porque soa como isso para mim. — A idéia de colocar Alex no Elixir revirou meu estômago e me enraiveceu. — Eu não posso fazer isso.

Apollo abriu sua boca, mas parecia estar escolhendo o que dizer. — Nós temos que quebrar a ligação, Aiden. Eventualmente, a Alex vai descobrir onde ela está. E daí? O Seth virá buscá-la e transferir o poder dela para ele e tudo estará acabado. Não haverá segundas chances.

— Tem que haver outra maneira! — Meu controle estourou. Naquele instante eu estava *assim* de descobrir se eu realmente poderia derrubar um deus. A única coisa que me parou foi o fato de que eu sabia que Apollo

estava tentando nos ajudar - ajudar a Alex. Eu não duvidava que o deus se importasse com ela. – Nós apenas não procuramos o suficiente, checando cada fonte disponível.

— Onde mais nós podemos procurar, Aiden? — Apollo me encarou, olhos arregalados. — Eu revirei o Olimpo de dentro para fora procurando por uma maneira de quebrar a ligação deles. A única coisa é o Elixir e...

— Não. — Eu fiquei firme.

Apollo olhou ao redor do cômodo procurando ajuda. Solos deu um passo para trás, erguendo as mãos. — Não olhe pra mim - eu gostaria de manter o meu rosto inteiro, obrigado.

Eu dei um sorriso de escárnio.

Claramente lutando por paciência, Apollo caminhou pela sala. — Essa é uma solução temporária, Aiden.

— Essa solução é inaceitável! — Eu gritei tão alto que Deacon pulou. Ele esteve na mira da minha raiva uma vez ou outra, mas a surpresa passando em seu rosto me disse que ele nunca havia me visto dessa forma antes. Como eu me sentia pela Alex, se alguém nessa sala ainda tivesse alguma dúvida, estava agora dolorosamente visível. — Você está pedindo para que nós concordemos com arrancar dela *tudo* que ela é! Transforma-la em um zumbi sem sentido que não tem controle... — Eu parei, sugando uma respiração fraca. Era o maior medo de Alex. A coisa que mantinha ela acordada a noite, que havia assombrado seus passos como um fantasma vingativo. — Ela não teria controle.

— Ela não tem controle agora, — Insistiu uma voz feminina.

Eu me virei. Lea estava parada no batente da porta, tão alta e magra como sua meia-irmã mais velha havia sido. Seu cabelo cor de canela estava preso em um rabo de cavalo apertado. Sombras escuras se espalhavam sob os olhos dela e suas bochechas estavam magras.

— Você não entende, — Eu disse.

Ela avançou para a sala, olhando para o Apollo e então para o resto de nós. — Eu não a vi, mas eu a ouvi. Nós todos a ouvimos. E os deuses sabem que ela e eu nunca fomos amigas, mas Alex - ela nunca teria dito as coisas que eu ouvi ela gritando. Isso não é ela.

Pressionando meus lábios juntos, eu me virei, balançando a cabeça. Lea tinha razão. O que estava lá embaixo não era a Alex - não a garota que eu amava com cada respiração que eu dava. E ela não estava no controle dela

mesma. Mas o Elixir - isso era diferente.

Lea sentou-se ao lado de Deacon, cruzando suas mãos pequenas no colo. — A idéia de usar o Elixir soa errada em cada nível possível, mas que escolha nós temos? Nós não podemos mantê-la lá embaixo.

— Ela não está comendo, — Murmurou Marcus. Ele esfregou sua sobrancelha, seu rosto tenso. — Eu nem tenho certeza se ela está dormindo de verdade ou se... se ela está se comunicando com o Seth, e é isso que está mantendo ela acordada.

Eu o olhei. — Marcus, você sabe o quão aterrorizada ela estava de ser posta no Elixir.

Incapaz de segurar o meu olhar, ele desviou o dele. — Eu sei, Aiden. Droga, eu sei, mas algo terá que ceder. Mesmo eu odiando a idéia de fazer isso com ela, isso nos dará mais tempo.

Recusando-me a acreditar que essa era a nossa última opção, eu procurei freneticamente por outra maneira e encontrei migalhas, migalhas dolorosas. — E quando às Moiras? Você pode ir até elas e ver qual será o resultado? Se ela vai quebrar a ligação sozinha? Ou se há alguma forma para nós o fazermos?

Apollo balançou a cabeça. — As Moiras não são minhas fãs, e mesmo se fossem e elas soubessem, elas não contariam a mim ou a você. Você sabe como elas trabalham, Aiden. Você...

— Você sabe o que isso fará com ela! — Vociferei, ficando vermelho de raiva.

— Eu sei o que isso fará *contigo,* — Ele disse baixinho. — E eu sei que a idéia de fazer isso está te matando...

— Pare... apenas pare, — Eu fervilhei, recuando. — Eu não vou deixar nenhum de vocês fazer isso com ela. Ou então...

A ameaça ficou no ar como uma fumaça espessa que sufocava os ocupantes da sala. Marcus apenas parecia triste, quase abatido por tudo. Solo estava pálido, provavelmente porque ele devia estar pensando que o Apollo estava a segundos de me lançar através da parede. Lea e Luke estavam encarando o chão, rostos fechados.

Será que os dois mestiços sentiram a mordida afiada de culpa por concordar que a Alex precisava do Elixir, sabendo o que ele faria, o que isso significaria?

Eles eram muito jovens para isso... para essa merda.

A Alex também.

E eu também.

Inferno.

A única pessoa na sala que agora me observava era o meu irmão.

Um sorriso leve e triste apareceu em seu rosto. — Alex iria chutar nossas bundas por considerar algo assim, mas... eu acho que ela entenderia, Aiden. Eu acho que ela entenderia o motivo.

Então Marcus deu um passo a frente, colocando sua mão no meu ombro. Eu lutei contra a vontade de removê-la. E de bater nele... bater em *alguma coisa*. Mas ele estava sofrendo também. — Havia outra coisa que Alex tinha medo. — Sua voz era tão baixa que eu duvidava que alguém além de Apollo pudesse ouvi-lo. — E você sabe o que isso era.

Eu sabia. Deuses, eu bem que sabia.

Alex tinha medo de se perder para o Primeiro... para Seth. E eu prometi a ela, jurei que isso nunca aconteceria. E aconteceu. Eu falhei com ela. A picada disso havia infeccionado e apodrecido dentro de mim, mas concordar sobre o Elixir não era melhor. Seria apenas outra maneira de falhar com ela.

Afastando-me de Marcus, eu arrastei meus dedos pelo meu cabelo.

Ninguém realmente falou por alguns momentos. O silêncio era tão ruim quanto a minha ameaça. Finalmente, todo mundo começou a falar, jogando mais algumas idéias.

‘Derrotar o Seth’ liderava a lista, mas não era possível. ‘Mover a Alex para mais longe’ – talvez isso diminuiria a conexão, daria a ela espaço para respirar, nos daria tempo para procurar por mais runas e feitiços e orações.

Os melhores esforços apenas acrescentaram ao desespero da situação.

Apollo finalmente se aproximou de mim. — Nós precisamos conversar em particular.

Eu queria apenas que ele fosse embora, mas eu concordei, e nós saímos e seguimos em direção à cozinha vazia. Meus passos eram rápidos e duros.

— De jeito nenhum você vai conseguir me convencer que colocar a Alex numa versão mais forte do Elixir é a coisa certa a fazer.

Ele fechou a porta com um aceno de sua mão antes de falar. — Eu sei que você tem sentimentos fortes por ela.

Eu encontrei o olhar dele. — Eu a amo. Você não entende isso.

— Não, eu entendo. Você se esquece que eu estava contigo quando você caçou o Eric. Eu vi o que ninguém mais viu... como te afetou aquilo que

aconteceu com a Alex. E eu sei o que você fez com aquele daimon.

Minha mandíbula se apertou e eu desviei o olhar. — Ele mereceu.

— Eu não estou contestando isso.

O que eu fiz com o Eric não era algo que eu estava particularmente orgulhoso. 'Tortura' parecia uma palavra muito leve para o que eu tinha feito. Eu engoli em seco. — Onde você quer chegar, Apollo?

Ele inclinou a cabeça para o lado. — O tipo de amor que você tem pela Alex é admirável, mas eu já vi esse amor antes. Ele conseguiu derrubar civilizações inteiras. Eu preciso te lembrar de Tróia?

— Isso é uma aula de história?

Os olhos dele brilharam. — Ok. Nós não vamos falar sobre o elefante de cara feia no cômodo, Aiden.

— Bom.

— Eu não fui inteiramente cooperativo com informações, — Ele disse depois de alguns instantes.

Eu ri sombriamente. — Por que isso não me surpreende? Você tem sido uma fonte de honestidade.

Apollo ignorou isso. — Desde que Zeus criou o Apollyon há milhares de anos, o Primeiro sempre foi da minha linhagem.

— O quê? — Eu não estava acompanhando. — Ártemis disse que a *Alex* era da sua linhagem.

— Ela é. — Ele moveu para a estante de vinho e abriu uma rolha. — Mas ao longo da história, o Apollyon sempre foi um descendente meu. Ainda hoje, eu não tenho conhecimento de quem Solaris era descendente e eu não sei de onde vem o Seth. Deste vez - apenas desta vez - foi diferente.

Pausando, ele se serviu de um copo. — Seth é o Primeiro, mas ele não é um dos meus. De alguma forma, outro deus é responsável por ele. E eu aposto minha coroa de louros que este mesmo deus foi responsável por Solaris.

Ele me ofereceu uma bebida e eu rejeitei. — Você está dizendo que a Alex que deveria ter sido o Primeiro e o Seth que foi o erro? — Apollo deu de ombros. — Eu não sei. E nenhum dos deuses está assumindo a responsabilidade por ele.

— Bem, obviamente, — Eu disse secamente.

Um sorriso enfeitou seus lábios enquanto ele colocava o vinho de volta na prateleira e então tomou um gole. — Esse não é o problema, Aiden. Seja

quem for o responsável pelo Seth não está reivindicando-o por uma razão... a mesma razão pela qual o Lucian conhece feitiços para me manter fora da casa dele.

— Você acha que um deus está trabalhando com o Lucian - o mesmo deus da linhagem do Seth?

— Provavelmente, — ele disse, terminando a taça de vinho. — Mas há outra razão pela qual este deus não está assumindo nada. Porque ele ou ela saberia que há outra maneira de matar o Apollyon. — Uma camada de gelo deslizou sobre mim. — O que você está dizendo, Apollo?

— O deus ligado à linha de sangue deles é capaz de matá-los. Eu posso matar a Alex.

Capítulo 4

O chão parecia mover-se sob meus pés e as paredes mudaram de tinta branca para painéis de um marrom profundo. Levei alguns minutos para perceber que eu estava caminhando - me afastando de Apollo, longe da bomba que ele tinha acabado de jogar em mim.

É claro que ele me seguiu. — Aiden, aonde você vai? — Eu estava indo para o porão. Eu precisava me colocar entre Alex e... e quem viesse por ela.

Apollo apareceu na minha frente, bloqueando a minha rota. Desviei para o lado, mas ele me bloqueou. — Aiden, escuta-me.

— Terminei de ouvir.

— Isso não é uma ameaça, meu amigo. Mas se ela está prestes a se conectar com o Primeiro, vou ter que resolver isso. Eu tenho que... — Ele pegou meu punho, empurrando-me para trás. — O mundo inteiro depende de nós não irmos para a guerra.

Eu pisei em direção a ele, sem pensamento racional, e ele me empurrou novamente. E novamente. Dor rasgou através de mim. Física? Emocional? Eu não sabia. — Você iria matá-la?

— Eu não iria querer. — O azul de seus olhos brilhava. — E é por isso que eu estou fazendo de tudo para evitar isso. Colocá-la no Elixir nos dá tempo, Aiden. E nós precisamos de tempo. *Eu* preciso de tempo, porque tenho seis membros da família prontos para rasgar o mundo mortal. Eu não posso estar aqui, à espera que Alex consiga encontrar uma fuga ou que Seth descubra uma maneira de se conectar com ela.

— Ninguém está pedindo para você estar aqui, Apollo. Eu tenho tudo sob controle.

Ele me lançou um olhar dúbio. — Você não está entendendo. Os deuses sabem que não podem matá-la, mas isso não significa que vai impedi-los de tentar. E enquanto eles podem não ser capazes de matá-la, eles *vão* machuca-la.

Me encostando à parede, eu pressionei a ponta dos meus dedos contra minhas têmporas. Tudo que eu queria era ir lá, pegar Alex, e levá-la para longe de tudo isso. — Você está pedindo demais.

Apollo suspirou. — Você precisa se afastar e ver as coisas

objetivamente, Aiden. Olhe para isso a partir da perspectiva de um Sentinela como você foi treinado. — Eu levantei minha cabeça, prendendo-o com um olhar sombrio.

— Você está me pedindo para ser objetivo agora?

Ele latiu uma risada curta. — Sim, eu sei que não sou o deus mais objetivo, mas você tem um trabalho a fazer, Aiden. Um trabalho de proteger a humanidade e proteger os Hematoi. Esse é o seu dever. E você sabe qual é a coisa certa a fazer.

— Então eu preciso escolher entre o meu dever como Sentinela e meu dever como homem? Para Alex?

— Sim e não. Você precisa escolher as duas coisas. — Apollo se encostou na outra parede, ainda elevando-se sobre mim, e eu tinha perto de dois metros.

— Marcus está certo. Apollyon ou não, ela não pode durar muito mais tempo assim. Não comendo? Não dormindo? Ela tem sequer bebido água?

Eu fechei os olhos. — Duas vezes. Ela bebeu água duas vezes, quando ela pensava que eu não estava olhando.

Ele amaldiçoou sob sua respiração. — Ela precisa descansar. Ela precisa de uma pausa disso, Aiden. E nós precisamos de tempo para encontrar uma maneira de acabar com isso.

— Ou o que - você vai mata-la?

Apollo não respondeu.

— Deuses. — Eu escutei os pés dos Sentinelas nos andares acima por alguns momentos. — Quem sabe sobre o que você pode fazer?

— Só a minha irmã Artemis e possivelmente Zeus - se é que ele está prestando atenção, que é possível que não tenha acontecido, — disse ele. — Eu consegui que os seis concordassem que, se colocarmos Alex no Elixir, eles vão recuar. Não é apenas sobre ela, Aiden. É sobre milhões de pessoas. — Eu assenti, afastando-me da parede, recompondo-me. Dever e amor realmente nunca tinham se misturado bem antes, mas sempre tinha havido um meio-termo. — Eu preciso de tempo.

— Aiden, não temos tempo.

— Eu não estou pedindo por dias. Eu só estou pedindo por hoje à noite. — Comecei a ir em direção a porta do porão e fiz uma pausa. — Eu preciso tentar mais uma vez.

— Eu não posso criticá-lo por isso. — Ele sorriu. — Eu vou dar-lhe esta

noite. Então eu vou estar de volta amanhã de manhã.

Assentindo de novo, eu abri a porta. Apollo tinha desaparecido quando eu olhei por cima do ombro e eu estava sozinho. Sozinho com uma decisão com a qual eu sabia que nunca poderia viver se escolhesse fazê-lo.

Alex estava deitada no colchão, enrolada em seu lado, de costas para a porta.

Ela não começou a exigir que eu deixasse-a sair ou começou xingando-me como tinha feito nos últimos três dias. Ela nem reconheceu que eu estava lá.

Talvez ela estivesse dormindo, mas meu ritmo cardíaco aumentou enquanto colocava a mão no bolso, tirando uma das três chaves para a porta. — Alex? — Nada. Nem mesmo um lampejo de um músculo.

Esperançosamente, ela estava dormindo, mas minhas mãos tremiam quando virei a fechadura e entrei, fechando rapidamente e trancando a porta atrás de mim.

Eu chamei o nome dela enquanto deslizava a chave de volta no bolso. Não houve resposta, e nessa altura, Alex já estaria em cima de mim como um daimon atrás de éter.

Algo estava errado.

Eu corri para o lado dela e ajoelhei-me à beira do colchão. Uma confusão de cabelo escondia seu rosto. Com o pulso acelerado, eu coloquei minha mão em seu ombro parado.

— Alex, você...

Lançando-se de costas, ela bateu com os pés descalços em meu estômago.

Ar apressou-se para fora de meus pulmões em um grunhido. Eu caí para trás, pegando-me quando ela se levantou.

Caramba. Eu deveria saber que ela era como um daimon manipulador[3].

Com um som quase selvagem, ela veio em cima de mim, com os joelhos em primeiro lugar. Eu virei para o lado, e poderia ter puxado suas pernas, mas machuca-la não era algo que eu faria. Batendo no chão ao meu lado, ela jogou a perna sobre a minha, trancando-me entre suas coxas.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — O que você está fazendo?

— Cale-se, — Ela sussurrou, agarrando minha mão mais próxima a ela.

— Realmente, se você queria segurar minha mão e se aconchegar, tudo

o que tinha que fazer era pedir.

Raiva corou suas bochechas quando ela rolou em cima de mim, montando as minhas pernas. Silenciosa e carrancuda, ela foi para o meu bolso.

Eu agarrei-lhe o pulso. — Nossa, Alex, normalmente eu te amo sendo toda atrevida, mas pare com isso.

Ela zombou quando tentou soltar seu braço. — Não sabia que você era tão pervertido.

Sorrindo apertadamente, eu soltei meu outro braço e peguei a mão dela quando ela tentou bate-la em minha garganta. — Você sabe exatamente o que eu sou.

— Não me lembre. — Usando seu peso e força que ela ainda tinha, ela soltou-se. Lutando para seus pés, ela fechou as mãos em punhos.

— Deixe-me sair daqui, Aiden.

Eu levantei. — Isso não vai acontecer. — Alex disparou para a frente, empurrando-me para trás um passo.

— Dê-me a chave. Eu tenho que ir. Eu preciso ir até ele.

Ouvindo-a dizer isso picou a minha pele. — O que você precisa fazer é me ouvir.

O peito dela se levantou rapidamente e seus olhos correram para as portas trancadas. Ela moveu seu pé esquerdo para trás uma polegada, e assim como eu ensinei a ela, apoiou seu peso sobre a perna e girou.

O chute foi malditamente perfeito - joelho dobrado em um ângulo de 90 graus para obter o máximo de impacto por trás da extensão, - mas eu o esperava. Usando o meu antebraço, bloqueei o chute em vez disso, usando o impulso para mandá-la para o chão duro, assobiando quando dor quente abalou meus ossos.

Alex era incrivelmente rápida quando ela queria ser, ainda mais como o Apollyon. Girando, ela apontou com o cotovelo e depois a sua palma. Então ela se abaixou, indo para minhas pernas - todas as manobras que tínhamos treinado centenas de vezes. Lutar entre nós realmente era como lutar contra nós mesmos.

Antecipando um chute borboleta, eu corri atrás dela. Ela girou ao redor, balançando o braço. Ar correu sobre meu queixo quando me abaixei ao seu redor e envolvi meu braço em volta da sua cintura. Eu puxei-a de volta contra o meu peito, inclinando a cabeça para trás para evitar a dela.

— Deixe-me ir! — Ela gritou, balançando como louca. Sua voz estava estridente, como se eu a estivesse machucando, mas eu sabia que não estava. — Deixe-me ir!

— Alex, você precisa me ouvir. — Raciocinar com ela provavelmente se classificava lá em cima com a loucura, mas eu tinha que dar a ela uma chance de sair dessa. — Se você não quebrar essa ligação com Seth, você não vai gostar do que vai acontecer.

— *Você* não vai gostar do que vai acontecer! — Ela jogou seu peso para trás, levantando as pernas para o peito, mas eu segurei-a com facilidade. — Porque eu vou seriamente feri-lo quando sair daqui. Minha primeira visita vai ser para o seu irmão!

— Pare com isso! Ouça-me. — Eu inclinei minha cabeça para a direita, evitando ela novamente. — Os deuses estão indo para a guerra por causa do que Seth está fazendo.

— Bom! Deixe-os trazê-la. — Ela riu, abaixando os pés no chão. — Nós vamos destruir cada um deles. Começando com aquele idiota do Apollo.

Eu suspirei, perdendo a paciência. Sim, eu não era tão santo como Seth afirmava. — Você não pode continuar ass... — Seu cotovelo empurrou em minha barriga e ela se soltou. Saltei para a frente, agarrando-a pela cintura, e joguei-a para o colchão quando eu deveria ter apenas a deixado cair em sua cabeça. Não era como se ela tivesse me prestado a mesma bondade.

Alex levantou-se, tentando ligar as pernas em volta da minha cintura para rolar para cima.

Eu pressionei para baixo, usando o meu peso para prender a parte inferior do corpo. Suas mãos voaram para minha cara, dedos curvados em garras. Arrebatando-lhe os pulsos, eu prendi-os acima de sua cabeça.

— Olhe para mim, — eu disse, inclinando-me para que apenas alguns centímetros separassem nossos rostos. — Olhe para mim e escute. — Ela começou a virar a cabeça, mas eu pressionei minha testa contra a dela, prendendo-a. Seus olhos estavam bem fechados e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Respirando fundo, eu quis que ela me entendesse. Só desta vez... — Isso não é você, Alex. Você nunca iria agir assim. Isso *não é* você.

— Sim, sou! — Dor quebrou sua voz quando ela se arqueou de novo, quase me jogando fora. — Você só está chateado porque eu não quero mais você. Você é ciumento e obsessivo.

Eu ignorei suas palavras. — Você está deixando Seth controlá-la. Você se lembra como tinha medo disso? Como tinha medo de perder-se para ele? O que aconteceu com isso? — Ela se acalmou, exceto pela descida irregular e subida de seu peito.

Meus olhos trançaram os contornos do seu rosto. — Eu jurei para você que não deixaria isso acontecer, e eu sei que falhei com você, mas não vou desistir, Alex. Eu nunca vou desistir de você. — Seus lábios formaram uma linha apertada e um tremor rolou através dela.

— Você sempre foi tão forte - única. Só *você* controlava sua vida. Ninguém tomava decisões por você. Mas isso - nem mesmo questionar ou lutar contra o que está acontecendo – é ser *fraca*.

Os olhos de Alex se abriram. — Eu não sou fraca.

— Então prove! — Droga, eu queria sacudi-la. — Cale-o, apenas por alguns minutos. Eu sei que você pode. Eu sei que você trabalhou durante meses em bloqueá-lo. *Expulse-o*, Alex, e fale comigo. Prove-me que você não é fraca.

Seus olhos se agitaram âmbar, luminosos e poderosos. Eles eram lindos, como se um deus tivesse colocado duas joias de topázio em seu rosto, mas eu os odiava.

Odiava o que significavam e representavam. Odiava que não importa o que Alex tinha feito - não importa o que nós tínhamos feito - ela tinha se conectado com Seth e se perdido em segundos.

— Eu sei que você pode fazê-lo, — disse eu. — Eu sei que você tem essa força em você, porque isso é o que eu mais amo em você. Sua força é admirável, linda. É quem você é. E o que você se tornou não é você.

— Amor? — Ela repetiu a palavra como se fosse estrangeira para sua língua.

Meu peito apertou e as palavras saíram de minha boca antes que eu pudesse detê-las. E caramba, eu implorei - algo que nunca tinha feito antes.

— Por favor, volte para mim, Alex. *Por favor*. Eu te amo demasiado para te perder. E eu te amo demasiado para permitir o que está prestes a acontecer, mas você está me deixando sem escolha.

Seus cílios vibraram para baixo e um batimento cardíaco passou, então eles reabriram.

Eu ofeguei, demasiado surpreso para sentir ou pensar outra coisa senão o fato de que seus olhos eram castanhos – quentes e de um marrom de uísque.

Seus olhos *eram* castanhos.

— Alex...

Com o rosto pálido e os lábios trêmulos, suas sobrancelhas enrugaram. — Eu sinto muito. Aiden, eu am... — Um grito rasgou dela, e ela se arqueou para fora do colchão com os olhos arregalados.

Meu coração parou. — Alex?

— Eu não posso... está por toda parte. Isso... dói. Aiden, por favor... faça parar... por favor... — Ela caiu para trás, gemendo e se torcendo, batendo a cabeça para trás e para frente.

Com o coração na garganta, eu comecei a levantar, mas depois seus olhos se abriram de novo e eu queria gritar. Olhos dourados olharam de volta para os meus.

Eu quase tive ela - quase.

Alex ficou selvagem debaixo de mim.

A mistura irregular de emoções canalizadas dentro de mim tornava isso muito difícil. Esperança foi destruída e queimada em decepção que, eventualmente, deu lugar à raiva. Alex estava lá e ela estava sofrendo.

Cinco segundos de um vislumbre dela e ela tinha sido sugada de volta para Seth. Eu não sabia se deveria estar feliz ou doente até à minha alma.

Mesmo com a falta de comida e sono, ainda levou uma quantidade imensurável de tempo para ela se cansar. Ela se debateu, gritou, chutou e ainda tentou me morder.

Mas, finalmente, ela se cansou e ficou ofegante. — Isso faz você feliz? Me machucar assim? Faz você se sentir grande e mau?

— Eu não estou te machucando. — Abri os olhos, cansado.

— Você está me matando! — Ela tentou se levantar, mas caiu para trás. Droga, a garota ia se machucar.

— Querido deuses, Alex, você pode parar de lutar contra mim por um segundo maldição? — Ela abriu a boca, mas eu coloquei minha outra mão sobre os seus lábios. — Não diga algo espertinho. Você não tem ideia de que tipo de noite de merda eu tive.

Seus olhos se estreitaram.

— Estou falando sério. Nem um comentário espertinho. — Ela ficou muito quieta, e tirei minha mão. A ponta de sua língua saiu, molhando os lábios. Eu poderia dizer que ela tinha algo completamente irritante para dizer, mas estava segurando.

— Eu preciso que você tente de novo, Alex. Bloqueá-lo. Cortar a corda, e eu vou ajudá-la dessa vez. Eu juro. Eu vou te ajudar. — Alex olhou para mim por tanto tempo que eu temia que ela tinha perdido a capacidade de falar.

— Você não entende. Eu não quero. Eu preciso dele, Aiden. Não você. Uma mestiça e um puro não podem amar um ao outro. Apenas deixe-me ir.

Alguém deve ter furado um buraco no meu peito. A dor era tão real como a dor que eu tinha testemunhado momentos atrás.

Aiden, por favor, faça-o parar.

Eu me concentrei nisso em vez do que ela disse. Alex estava com dor quando ela lutava contra ele, e quem sabia se havia períodos quando ela estava lutando com ele e nós simplesmente não viamos. Tudo o que eu sabia era que, quando ela tinha sido ela mesma - sua verdadeira eu - ela havia me pedido para fazê-lo parar - me implorou.

E só havia uma maneira que eu poderia fazê-lo parar.

Eu soube então, tanto quanto me destruiu, não havia outra escolha.

Inclinando-me, eu coloquei um beijo contra sua têmpora úmida e fechei os olhos. Um segundo - apenas um segundo - passou, e eu absorvi seu calor e o momento de proximidade sem ela lutando contra mim. Então ela virou a cabeça para o lado e disse algo realmente horrível demais para sequer reconhecer.

Levantei-me e recuei, deixando a cela.

Alex permaneceu no colchão, sem se preocupar em correr para a porta quando eu tranquei. Eu fiquei ali, olhando para ela, sabendo que o que eu estava prestes a fazer não tinha nada a ver com o meu dever para com a humanidade ou a minha própria espécie. Realmente não tinha nada a ver com Apollo e suas advertências.

Aiden, por favor, faça-o parar.

Havia apenas uma maneira que eu poderia fazê-lo parar.

Capítulo 5

Na manhã seguinte, Apollo, Marcus e eu estávamos na marquise pequena que transbordava com plantas e flores. O doce aroma picante me lembrou da Alex. Inferno, tudo me lembrava de Alex.

Ela estava certa sobre uma coisa na noite passada. Eu estava obcecado.

Apollo foi direto ao assunto. — Você concorda?

Olhei para Marcus, sabendo que ele finalmente tomou sua decisão em algum momento na noite passada. Eu também. Cansado, eu passei a minha mão bochecha áspera. Cara, eu precisava fazer a barba.

— Aiden, — disse Marcus.

Exalando duramente, meus olhos se estreitaram. Eles não sabiam que Alex tinha cortado a ligação por alguns segundos ontem à noite. O vislumbre minúsculo dela era algo que eu guardara no coração, mas no brilho da luz solar dura, eu não tinha certeza se ele tinha realmente acontecido, ou se tinha sido uma ilusão.

Limpei a garganta subitamente seca. As palavras eram difíceis de passarem pela minha língua. — Dê-lhe o Elixir. — E foi isso, tudo o que levou.

O que parecia ser uma série de rolhas de champanhe quebrou o silêncio. O ar foi sugado para fora do cómodo quando eu girei em direção ao som crepitante. Uma poeira azul cintilante se formou sob os raios de sol.

Cada partícula brilhava como uma safira. Elas se reuniram rapidamente, como se atraídas para se tornarem algo completo. Em poucos segundos, uma mulher apareceu diante de nós.

Envolta em vestes de seda azul que se agarravam a suas curvas, a deusa inclinou a cabeça dourada para trás. Longos cachos grossos caiam até a cintura enquanto ela avançava para Apollo com um balanço em seus quadris.

Marcus ofegou, obviamente afetado pela beleza da deusa, e eu não senti nada, apenas dormência fria quando ambos nos curvámos.

Havia algo de muito errado comigo.

Ou talvez eu estivesse muito focado no que ela tinha em suas mãos de aparência delicada - um jarro de porcelana de aparência antiga, gravado com um símbolo odioso. Um círculo com uma barra por ele - a marca de servidão.

— Ananke, — Apollo disse, curvando-se diante da deusa mais velha.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Isso foi rápido. Era estranho ver como os deuses podiam ser oniscientes quando queriam. Eu imediatamente não gostei dela, mas forcei minha expressão a permanecer vazia.

Ela entregou a Apollo o jarro e depois virou-se para mim, o lábio subindo em um canto antes de enfrentar Apollo novamente. — Você só vai precisar usar uma... dose disto. Você terá que finalizar com a compulsão. — Apertando as mãos, eu comecei a virar, mas parei. Eu tinha ouvido a compulsão uma e outra vez ao longo dos anos. Já estava fluindo através de meus pensamentos. Meu estômago revirou.

A deusa se afastou de Apollo, retornando para o centro da sala. — Vai levar alguns minutos para fazer efeito. Vai encerrar todos seus poderes de Apollyon e, portanto, quebrar o vínculo. Ela vai ser... diferente.

Não gostando do som disto, perguntei: — O que você quer dizer com ‘diferente’?

Seu lábio subiu novamente. — Ela será mais flexível para lidar - mais complacente. A menina... vai saber quem ela é no nível mais básico, mas não mais.

— O que? — Olhei para Apollo. — Eu não concordei com isso.

Apollo me lançou um olhar que dizia para calar a boca. Tomando uma respiração profunda, juntei as mãos atrás das costas.

— Eu peço desculpas. — A deusa arqueou uma sobrancelha e assentiu.

— Eu adicionei Ma-Huang, que afeta a memória. Suas memórias a vinculam ao Primeiro. Sem elas, ele simplesmente não existe. Não é perfeito, mas o melhor que podemos fazer, dada a situação.

Um arrepio subiu pela minha espinha. Se ela não se lembraria de Seth, então, não se lembraria de qualquer pessoa que ela amava ou confiava. Nem eu.

— Ela se cansará facilmente, — Ananke continuou. — E vai ser muito fácil de ‘lidar’, enquanto nós procuramos uma solução mais permanente. — A solução permanente estava na sala - Apollo - mas felizmente, a maioria dos deuses não sabia que ele poderia matá-la.

— Quanto tempo vai durar? — Apollo perguntou.

Ananke balançou a cabeça. — Não há como saber. Talvez alguns dias, se você tiver sorte, mas você saberá quando o efeito estiver passando. Ela vai ficar impaciente, pode começar a se lembrar de coisas. Quando isso

acontecer, ela vai precisar de uma nova dose.

— Será que isto vai prejudica-la de alguma forma? — Disse Marcus com a voz preocupada.

— Não. — Ela começou a brilhar para fora de foco, mas sua voz ainda carregava com sua fria indiferença. — Mas eu não lhe daria mais de seis doses. Os efeitos podem tornar-se permanentes a esse ponto.

E então ela se foi, deixando todos nós de boca aberta. Marcus exalou alto.

— Legal da parte dela avisar.

— Isso pode se tornar permanente? — Eu levantei uma sobrancelha, desafiando Apollo a desviar o olhar. — Você sabia disso?

Seus olhos se estreitaram. — Eu sabia tanto como você. Pelo menos sabemos que não podemos exceder seis doses. Se durar pelo menos quatro dias, então isso nos dá quase um mês.

— Se durar quatro dias de cada vez, — Eu apontei.

Apollo olhou para o jarro. — Bem, estamos prestes a descobrir.

Eu desci as escadas, detestando o que estava prestes a fazer. Sabendo que o que eu estava prestes a tomar parte, escureceria minha alma. Algo como isso pode soar dramático, e antes, eu realmente não achava que fosse possível, mas agora eu entendia.

— É o melhor, — Apollo disse.

Encarando-o, avancei por ele e parei em frente da cela. Alex estava sentada no colchão, as costas contra a parede e joelhos dobrados perto de seu peito. Ela olhou atrás de mim, para onde eu sabia que Apollo esperava nas sombras. Por alguma razão, Alex reagia como uma hidra enlouquecida quando Apollo estava perto dela.

— Você finalmente voltou a seus sentidos e decidiu me deixar sair? — Um sorriso torceu seus lábios uma vez bonitos. Eles estavam rachados por falta de água. A garrafa de água estava intocada no chão.

Abri a porta. — Você sabe a resposta para isso. — Alex levantou-se, balançando quando ela saiu do colchão. Seu rosto estava tão pálido como as paredes que a rodeavam. — Eu deveria saber que nenhum de vocês seria inteligente o suficiente.

Entramos na cela, trancando-a atrás de nós. Eu observei Alex, cansado.

Ela estava ficando mais fraca a cada dia, mas a menina era uma lutadora em seu núcleo. Marcus ficou atrás, deixando-me lidar com ela como

tínhamos planejado.

Parecia justo que eu seria a pessoa que fizesse isso.

Seu olhar misterioso âmbar deslizou de mim para o que Marcus tinha em suas mãos.

O líquido dentro do vidro era azul escuro e espesso. Reconhecimento estampou em seu rosto e ela deu um passo para trás. Mudei-me para o lado dela, segurando a minha respiração.

Como esperado, ela ficou louca.

Avançando, eu passei meus braços em volta dela, apertando seus braços para os lados. Usando o meu peso, eu a trouxe para o chão tão cuidadosamente quanto pude, mas ela se debatia e lutava. Passei minhas pernas ao redor da cintura dela e tranquei-as sobre as dela.

Alex estava presa.

— Não! Não! — Ela gritava mais e mais, cada palavra um soco direto ao meu coração. — Não! Não!

Pressionando minha bochecha contra a dela, eu forcei a sua cabeça para trás. — Sinto muito, Alex, eu sinto muito.

— Você não pode fazer isso comigo! — Ela tentou inclinar a cabeça para baixo, mas não conseguiu. Sua voz estava cheia de ódio e poder, um tom que não lhe pertencia. — Você vai se arrepender disso. Todos vocês, será a última coisa que você faz. Eu prometo a você.

— Faça isso, — Insisti, querendo acabar com isso. Sobre o meu ombro olhei para além de Marcus, meu olhar se encontrando com o de Apollo. Ele estava junto do lado de fora da cela agora. Mesmo o deus parecia desgostoso com o que estávamos fazendo.

Com uma expressão de dor, Marcus se agachou na frente de nós e agarrou o queixo de Alex. Sua mão tremia quando ele levantou o copo de Elixir, e ele endireitou os ombros. — Desculpe, Alexandria. Vai terminar em segundos.

Como um interruptor sendo ligado, a voz que saiu da menina trêmula foi uma que eu reconheci e temi. — Por favor, não faça isso, — Ela implorou.

Segundos mais tarde, meu rosto estava molhado de suas lágrimas. — Por favor, Marcus, por favor, não faça isso comigo.

Marcus hesitou. — Alex?

Seu corpo estremeceu contra o meu. — Eu vou me comportar. Eu prometo. Eu vou fazer o que você pede, mas por favor não me dê o Elixir.

Eu respirei fracamente. — De que cor são seus olhos?

— Dourados, — Ele resmungou.

Movendo os dois pulsos finos dela para uma mão, eu afastei a mão de Marcus e agarrei-lhe o queixo. — Não é ela, não realmente. Faça-o. Deuses caramba, apenas faça isso!

Alex lamentou, e uma parte de mim ficou gelada - para sempre. Forcei a sua boca aberta, deixando hematomas na sua mandíbula quando sua luta foi renovada. Energia disparava através de mim, chocando-me a cada dois segundos. Marcus virou o copo em seus lábios, e o aroma doce e doentio do Elixir encheu a cela.

Mesmo depois que o conteúdo do vidro tivesse ido embora, Alex ainda lutava.

Gritando, revirando os quadris, jogando a cabeça para frente e para trás até que eu senti sua respiração se tornando mais profunda, mais lenta.

Marcus recuou, deixando o copo de lado. Ele limpou as mãos ao longo de suas calças, como se pudesse de alguma forma limpar o que ele tinha acabado de fazer a sua sobrinha, mas tinha deixado uma marca na minha alma. Eu nunca seria capaz de limpá-la, não importa o quanto eu tentasse.

Eu assisti Marcus e Apollo enquanto os músculos do corpo dela relaxavam e se soltavam contra mim. Sua cabeça caiu para trás contra meu ombro e para o lado quando ela atraiu uma respiração profunda e longa que soou como um suspiro.

Olhando para ela, eu vi as marcas novamente. Intrincados desenhos sangravam através de sua pele, girando sobre seu rosto e seu pescoço. Marcados em tinta azul, eles brilharam até que o quarto inteiro foi inundado de safira, e então desapareceram. Alex acalmou.

— Você tem que terminar isso, — Apollo disse.

Um dia desses eu ia bater em Apollo novamente. Eu provavelmente não iria sobreviver, mas ia acontecer. Voltando Alex em meus braços, eu embalei-a contra o meu peito e segurei seu rosto. — Alexandria, abra seus olhos.

Seus cílios vibraram contra suas bochechas pálidas, e então, finalmente, eles se levantaram. Chupei uma respiração afiada. Seus olhos eram de um marrom maçante com ouro rasgando através deles. A conexão tinha sido quebrada, mas não era Alex olhando para mim fixamente. Não era Seth sequer.

Ela era uma estranha, uma menina jovem, com medo que não me reconhecia, uma lousa vazia perfeita para compulsão.

Eu apertei o cerco contra a raiva subindo na minha garganta e mantive meus olhos em contato com os dela. — Το όνομά σας είναι Alexandria. — *Seu nome é Alexandria.*

Ela piscou lentamente.

Dor atravessou meu peito. — Το όνομά μου είναι Aiden... — Eu parei quando as palavras arderam na minha garganta. Umidade reuniu nos meus olhos, nublando o rosto da Alex. *Eu não posso fazer isso. Eu tenho que fazer isso.* As palavras saíram de mim. — Το όνομά μου είναι Aiden και είμαι ο Δάσκαλός σας. — *Meu nome é Aiden, e eu sou o seu Mestre.*

— Θα υπακούσει μου κάθε επιθυμία, την επιθυμία, και την εντολή σε θάνατο, — *Você vai obedecer cada desejo meu e cada comando até a morte.*

Ou até que o Elixir acabe.

Ela respirou as palavras, relaxou um pouco mais, e tornou-se elas.

E eu vi os olhos quebrados ficarem ainda mais enublados. Eu soltei suas mãos e elas caíram no seu colo.

— Qual é o seu nome? — Eu perguntei com a voz rouca.

— Alexandria, — Ela repetiu em uma voz suave que eu nunca tinha ouvido Alex usar na vida real.

— E quem sou eu?

— Aiden. — Ela sorriu, e eu vacilei. — Você é meu mestre.

Capítulo 6

A primeira coisa que fizemos foi levá-la para comer, mas não foi um processo simples. Levei-a para cima e sentei-a na mesa.

O tempo todo ela manteve os olhos colados às suas mãos, que estavam dobradas no colo.

Alex não falava a menos que alguém falasse diretamente para ela, e mesmo assim, ela não levantava os olhos. Eu coloquei um prato de frios[4] e uma tigela de frutas na frente dela, junto com uma lata de refrigerante de uva, seu favorito.

Ela não se moveu.

Olhei para Marcus, que permaneceu ao lado da porta, para ter certeza de que ninguém entrasse. Apollo tinha desaparecido no instante em que eu trouxe-a para fora da cela.

Bastardo.

— Você tem que estar com fome, Alex. Você não comeu nada em dias.

— Meu nome é Alexandria, — Veio o suave sussurro.

Pisquei várias vezes e, em seguida, empurrei o prato para ela. — Você não está com fome, Alexandria?

— Estou?

Percebi em seguida. Como a maioria dos escravos mestiços, ela tinha de ser *ordenada* a fazer tudo. Sentando, eu arrastei meus dedos pelo meu cabelo.

— Por favor, coma, Alexandria.

Suas pestanas levantaram. Aqueles olhos estranhos encontraram os meus por um breve segundo, e depois foram para o prato de comida. Ela comeu lentamente no início, mas uma vez que ficou confortável - ou confiante no que ela estava fazendo - ela terminou o prato e quase toda a travessa. Duas latas de refrigerante depois, ela começou a puxar uma mecha de cabelo mole.

Marcus balançou a cabeça e virou-se, deixando-nos. Será que ele se arrependia de todas as vezes que ele tinha desejado que Alex fosse mais obediente? O engraçado era, mesmo quando eu tinha exigido que ela não fizesse algo no passado, eu amava secretamente que ela raramente ouvia.

Eu fiquei surpreso quando ela automaticamente se levantou. — Eu vou lhe mostrar o seu quarto e você pode tomar banho, se quiser. — Mordi o

interior da minha bochecha, quando seus cílios varreram para baixo. Tentei de novo. — Você vai se limpar e depois descansar.

— Tudo bem. — Ela olhou para cima, seus olhos vagando sobre o meu rosto. — Eu...

— O que? — Eu avancei.

Alex se moveu para trás da cadeira como se fosse uma espécie de escudo.

Ela balançou a cabeça. Dei-lhe alguns momentos para falar novamente, mas ela tinha ficado muda. Eu queria estender a mão e tocá-la, confortá-la, mas eu tinha a sensação de que iria aborrecê-la.

Levei-a para o quarto onde eu estava hospedado. Um quarto mais pequeno estava ligado com o meu através de um banheiro compartilhado. Colocá-la nesse quarto permitir-me-ia ficar de olho nela.

Pelo menos é isso o que eu disse a mim mesmo enquanto lhe mostrei o chuveiro e coloquei duas toalhas e um roupão na pia do banheiro. Não tinha nada a ver com o fato de que eu só queria que ela ficasse perto de mim.

Sim, eu não estava convencendo ninguém.

No começo eu pensei que ia ter que despi-la, e deuses queridos, não havia nenhuma maneira que eu poderia fazer isso e não, bem, pensar e sentir as coisas que eu faria. Em seguida, ela pegou a barra de sua camisola e começou a levantar. Eu tive que me forçar a partir do banheiro. *Santo*[5] Delphi minha bunda.

Fechando a porta atrás de mim, encostei-me nela e fechei os olhos.

A água foi ligada, e eu me empurrei para longe, atravessando o quarto e sentando-me na beira da cama. Cansaço infiltrou-se em meus ossos. Talvez eu pudesse dormir agora, pelo menos mais do que algumas horas.

Uma quantidade minúscula de alívio pingou através de mim. Alex estava se movendo ao redor, tentando não matar ninguém, e não mais ligada a Seth.

Algo para comemorar, certo? Não. O que estava andando realmente não era Alex. Ela não poderia ser tão obediente nem se tentasse.

Quinze minutos se passaram e lentamente a porta se abriu. Uma Alex muito mais limpa espiou para fora, segurando a gola do roupão, os olhos baixos. Ela entrou no quarto, mudando seu peso de um pé para o outro.

— Terminei.

Eu levantei, olhando-a fixamente - transportado de volta para o dia em

que a trouxe de volta para o Covenant e vi o que estava por baixo da sujeira e lama, - e senti a mesma corrida alucinante de sentimentos.

Para mim, Alex era linda - sem falhas.

Suas pestanas levantaram. Nossos olhos se encontraram, e um rubor doce penetrou em suas bochechas. Meu olhar caiu para seus lábios entreabertos e um tipo muito diferente de fome agitou-me. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, eu atravessei o quarto, com as mãos estendidas, alcançando-a.

Alex recuou, os nós dos dedos ficando brancos. Confusão atravessou seu rosto enquanto ela chupava seu lábio inferior entre os dentes. Ansiedade saiu dela enquanto olhava para mim.

Parei congelado, puxando minhas mãos para trás. O que eu estava pensando? Ela estava... com medo de mim - medo de seu Mestre. Eu xinguei.

Ela pulou, os olhos arregalados.

Eu nunca tinha me odiado mais. Reprimindo minhas emoções, eu dei-lhe espaço. — Fique aqui. Eu vou te encontrar algumas roupas.

— Sim, Me...

— Não me chame assim. — Meu tom foi mais duro do que eu pretendia e eu trabalhei para amaciá-lo. — Me chame de Aiden. Ok?

Alex assentiu.

Empurrando-me para longe dela, eu fui até a porta e olhei por cima do meu ombro. Minhas sobrancelhas franziram. Ela estava no mesmo lugar, com as mãos apertando o roupão e os olhos no chão, como se fosse algum tipo de farol. Que diabos ela estava fazendo?

Em seguida, eu percebi. Eu disse-lhe para *ficar*. E ela ficou. — Alex...

— Meu nome é Alexandria.

— Tudo bem. — Eu suspirei, aproximando-me com cuidado. Quando eu tinha certeza que ela sabia que eu estava ao lado dela, toquei seu cotovelo. — Você não tem que ficar aqui. Você pode fazer o que quiser Alex... Alexandria. Dormir. Ou assistir TV. — Apontei para a tela plana no canto quando a levei para a cama. — Você pode fazer o que quiser. Ok?

Sentando-se, Alex assentiu e me olhou. — Você vai voltar, né?

— É claro, — Eu assegurei a ela. Ela continuava olhando ao redor do quarto, ficando mais e mais agitada.

— Eu não vou demorar muito. Prometo.

Alex assentiu novamente. — Ok, Me... — Ela vacilou. — Ok, Aiden.

Não demorou muito para encontrar roupas para ela. Todas as suas coisas ainda estavam no quarto ao lado do meu. Marcus já tinha vindo ver como ela estava, em seguida, desapareceu de volta para baixo, e agora Deacon pairava perto da porta.

Recolhendo a roupa de Alex, enfrentei meu irmão. — O que foi?

Ele encostou-se no batente da porta e cruzou os braços. — Como foi?

— Ela lutou contra isso, como esperado, mas funcionou. — Eu sentei no braço de uma cadeira, bocejando. — Ela... ela não é como era.

— Não é ela do tipo, não é mais a Alex do Mal...?

Eu balancei a cabeça. — Ela... simplesmente não é ela, mas é apenas temporário.

Deacon apertou os lábios. — É tão ruim assim, hein?

— Eu não disse que era ruim.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Eu te conheço, Aiden. Sua decepção - em si mesmo, não em Alex - está escrita em sua testa. Está praticamente escorrendo de seu rosto sujo.

Minhas sobrancelhas se levantaram. — Estou sujo?

— Você está meio nojento. Pode querer pensar sobre se barbear, também, a menos que você queira o visual de sem-teto sem chance de conseguir uma transa.

Eu ri e levantei. — Eu vou manter isso em mente.

Um sorriso genuíno, um que era tão raro no meu irmão, espalhou-se em seus lábios e desapareceu rapidamente. — Ela vai ficar bem, certo? Quero dizer, alguém vai encontrar uma maneira de quebrar a ligação e ela vai ser a sarcástica-mas-não-homicida Alex em algum momento? Eles têm que conseguir.

Meu bom humor desapareceu. Uma rachadura quebrou meu controle, quebrou a parede enfraquecida em torno de mim. — Deuses, eu espero que sim, Deacon. Eu não posso...

— Viver sem ela?

Afastando-me, eu não respondi porque não havia necessidade. — Sempre foi tão óbvio?

— Honestamente? — Deacon riu. — Eu sabia que você tinha uma coisa por ela e ela por você a partir do momento em que você voltou de Atlanta e ficou reclamando[6] comigo. Para mim, era óbvio, mas só porque eu conheço você. É engraçado, porque ela é uma mestiça, mas de uma maneira estranha

ela é perfeita para você, não acha?

Eu sorri fracamente. — Sim, acho que sim.

Houve uma pausa e então ele perguntou: — Mesmo se todos nós sairmos desta vivos e os deuses não ficarem todos god-zilla[7] sobre o mundo e ela voltar para a equipe Aiden, como vocês dois vão conseguir o seu ‘felizes para sempre’?

— Nós vamos partir. Esse era o nosso plano. Iria funcionar. Apollo nos deve.

— Porra, sério? — Ele parecia incrédulo, não aborrecido. — Você abriria mão de ser um Sentinela? Partiria e tentaria viver com os mortais?

Assentindo, eu enfrentei-o. Tristeza congelando no meu peito. — Sim, esse era o nosso plano. Eu ia te dizer. Nós pensaríamos em algo para que você e...

— Cara, eu sei que você se certificaria que eu soubesse onde encontra-lo, — disse ele, piscando várias vezes. — Porra, Aiden...

— O que?

— É apenas... uau, estou feliz por você. Eu acho que isso é ótimo. É amor, o tipo de verdade que faz você fazer sacrifícios. O tipo que te faz gritar 'dane-se' para todos os outros. Isso é digno de inveja.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Não tenho bem certeza que qualquer parte da minha vida seja digna de inveja agora, considerando que Alex pensa que eu sou seu *Mestre*.

— Ei, você sabe, isso poderia ser...

— Não vá lá.

— Tudo bem. Okay. Mas vai ficar melhor. — Seu olhar familiar acendeu-se, encontrando o meu. — Você está indo bem, Aiden. Melhor do que a maioria faria nesta... situação.

— Obrigado. — Eu sorri, mudando as roupas para o outro braço. — Você também.

— Eu sei. — Deacon sorriu. — Sou simplesmente fantástico.

— E modesto. — Eu parei na frente dele, abaixando o queixo. — Sério, como você está indo?

Ele deu de ombros. — Passei por coisa pior, por isso não se preocupe comigo. Você tem bastante no seu prato.

Não me preocupar com Deacon era ir contra a natureza. Eu tinha passado a última década da minha vida me preocupando com ele - talvez um

pouco demais.

Sufocando-o em vez de apoiá-lo.

Deacon inclinou a cabeça para trás, de repente parecendo muito mais velho do que seus 17 anos. — Vá descansar um pouco - chuveiro primeiro, no entanto. — Um flash rápido de um sorriso apareceu. — Nós assumimos a vigilância agora.

Eu assenti, entregando as rédeas proverbiais. Parando na porta do banheiro, me virei para ele.

— Deacon?

Ele afastou um cacho de seus olhos. — Sim?

— Eu sei sobre você e Lucas, e não me importo, desde que você esteja feliz. Basta fazer a coisa certa por ele e você sabe o que eu quero dizer. — Sua boca abriu, e por uma vez, fui eu que surpreendi meu irmão e não o contrário.

Eu nem sequer fui para o meu quarto, optando por colocar a roupa de Alex em uma prateleira e me limpar primeiro. Depois de um longo e duro olhar no espelho, eu reconheci que parecia... *sujo*. Cavei uma navalha, tomei banho e, em seguida, fiz a barba rapidamente. Um par de calças de pijama limpas estava dobrado na prateleira, mas nenhuma camisa. Esperando que Alex não surtasse quando ela visse meu peito nu, eu abri a porta do banheiro.

E fiquei completamente congelado.

Alex estava enrolada em seu lado em cima da colcha, com as mãos cruzadas sob o queixo, como se estivesse orando. Seus lábios separados e rosados. Duas pernas curvilíneas apareciam para fora sob o manto, imediatamente chamando minha atenção. Eu sempre amei as pernas de Alex.

Ela estava dormindo.

Deixando sua roupa em uma cadeira próxima, eu fui para o lado dela e chamei seu nome. Ela murmurou alguma coisa, e eu senti uma pequena palpitação – uma maldita *palpitação* - no meu peito. Com muito cuidado, coloquei outro cobertor sobre as suas pernas. Ou a exaustão ou o Elixir tinham tomado o seu peso sobre ela. Puxei a ponta para cima, colocando-o ao seu redor.

Afastando-me da cama, saí do quarto e andei pela casa silenciosa. No andar de baixo, à saída do porão, havia uma pequena sala que não era nada exceto quatro paredes de concreto. Alguém tinha amarrado um saco de pancadas no teto.

Frustração reprimida e raiva impotente surgiram, e um segundo depois, meus dedos colidiram com o couro gasto e duro. Eu fiquei maluco, e enquanto cada soco trouxe um aumento da dor em toda a minha mão, eu acolhi-o.

Horas se passaram enquanto eu socava e chutava. O suor escorria de cima de mim, ardendo meus olhos e a pele rasgada ao longo de meus dedos. A dor física não fez nada para diminuir o tormento dentro de mim.

Em um flash, fui levado de volta ao verão passado, quando eu tinha visto Alex fazendo a mesma coisa, depois que ela descobriu a verdade sobre sua mãe.

Ela tinha sido uma criatura feroz e linda enquanto ela girava ao redor do boneco de prática. Um ciclone de emoções cruas tinha me alcançado através de toda a sala de treinamento, batendo em meus próprios sentimentos mistos. Quando ela percebeu minha presença e nossos olhares se encontraram, por mais louco que parecesse, eu senti o que ela estava sentindo.

Arrastando uma respiração irregular, eu parei e olhei por cima do ombro em direção à porta. Por que eu estava esperando encontra-la em pé lá eu nunca vou saber. É claro que a porta estava vazia.

Alex estava vazia.

Eu subi as escadas, peguei uma toalha do banheiro escuro e limpei-me. Voltei para o quarto, olhei para o sofá enorme empurrado contra a parede, e então peguei uma colcha fina fora da extremidade da cama. Cada célula do meu corpo exigia estar perto dela, mas parecia errado. Se ela acordasse comigo ao seu lado, eu estava com medo de que iria perturbá-la e confundi-la. Essa era a última coisa que eu queria. Abaixando-me, eu espalhei a colcha e assisti-a dormir até a exaustão me puxar.

Capítulo 7

Alex dormiu por quase vinte e quatro horas, acordando minutos antes de eu ceder à minha preocupação crescente. Tarde da noite, nós fomos para o andar de baixo e, entre nós dois, nós quase limpamos a geladeira. Ela ainda estava agitada e apenas fazia algo se eu falava para ela fazer, mas quando a manhã chegou, ela se soltava o suficiente que quase parecia como estar ao lado de uma Alex muito calma e sedada.

Passamos da cozinha para o solário e ficamos lá. Ela não queria conversar comigo a menos que eu fizesse uma pergunta a ela. Depois de investigar cada flor e planta no local, ela sentou-se em um dos assentos das janelas e permaneceu lá, olhando para a floresta densa que cercava o abrigo.

Eu me sentei ao lado dela, do outro lado do assento da janela, surpreendentemente contente em apenas estar com ela. Eu queria saber o que ela estava pensando e cada vez que eu perguntava, a resposta era a mesma.

— Nada, — ela disse, sem tirar seu olhar das paredes de vidro.

Isso era como um corte no peito, mas não tão ruim como quando nós ouvíamos passos no corredor ou vozes se aproximando e Alex se fechava.

Ela tirava os olhos da floresta então e encarava a porta fechada. Pânico enchia seus olhos castanhos e âmbares. Solos entrou no solário uma hora, verificando para ver se nós precisávamos de alguma coisa da cidade mais próxima.

A única pessoa com a qual ela não se assustava era o tio dela. Seria algum tipo de vestígio de vínculo familiar? Mas mesmo então, ela o tratava da mesma maneira que ela me tratava. Marcus tinha o mesmo tanto de sorte que eu tive ao tentar atraí-la para uma conversa. Depois disso, eu decidi que seria melhor mantê-la longe do resto da casa.

Finalmente, depois de horas juntos, seus olhos se focaram em mim. Eu fingi não notar, mas eu estava ciente de seu olhar se movimentando para baixo.

Alex se moveu repentinamente, mais lentamente do que ela normalmente se mexeria, e agarrou minhas mãos nas dela. — Suas mãos...

Atordoado que ela estava me tocando, eu não conseguia responder. Como um idiota, eu fiquei sentado lá enquanto ela passava seus polegares

sobre os ossos da minha mão, parando um pouco antes dos nós dos dedos machucados.

— Você está ferido, — ela disse. — Por que você está ferido?

Tão gentilmente quanto era possível, eu soltei minhas mãos. — Eu não estou ferido. Não é nada para se preocupar.

Seus cílios se ergueram enquanto ela procurava algo em meu rosto. Então ela assentiu e se acomodou de novo, olhando para suas próprias mãos com uma careta.

Ela se cansou rapidamente depois disso, se tornando letárgica antes das nove.

Eu consegui fazer ela comer antes de leva-la de volta para cima. Ela apagou no minuto que sua cabeça atingiu o travesseiro, e eu me recolhi para o sofá. Nós repetíamos a mesma ação todos os dias, e era como um relógio gigante em cima das nossas cabeças, contando os minutos até eu ter que dar a ela outra dose.

Passamos a manhã no solário, mas eu a persuadi para sair daquele cômodo, principalmente porque eu iria perder a minha cabeça se eu tivesse que olhar para outra planta de novo. A varanda sempre estava ocupada pelo meu irmão, Lea e Luke, mas havia outra sala no andar de cima que estava cheia de livros.

Eu a levei lá depois de pegar um pacote de salgadinhos e um refrigerante de uva para ela lanchar.

Eu a vi se mexer pela sala, procurando por sinais de que ela estivesse ficando ansiosa. Ela parou na frente da mesa, pegando uma caneta e então a colocando de volta no lugar. Seus dedos percorreram o topo de um bloco de notas, e então ela fez seu caminho até uma estante. Ela ficou parada lá, sobrancelhas franzidas enquanto ela colocava um dedo na espinha de cada livro.

— Você quer ler algo? — Eu perguntei.

Ela pulou com o som da minha voz, e então abaixou seu queixo obedientemente.

Eu me dirigi a ela, mas parei. Qualquer movimento inesperado parecia a fazer fugir. — Está tudo bem, Alex. Se você quiser ler algo você pode.

— O meu nome não é Alex, — Ela sussurrou. — É Alexandria.

Uma sensação chata de queimação começou no meu peito, embaixo do meu coração. — Mas você gosta de ser chamada de Alex.

Balançando a cabeça, ela se afastou dos livros e lentamente seguiu na direção da TV, olhos baixos. Ela parou na frente da tela em branco. Eu peguei uma pequena estátua de Atenas, e então a coloquei no lugar novamente. Eu queria ir até ela, abraça-la, mas eu não tinha certeza de como ela responderia. Tudo entre nós era formal e desajeitado.

— Quer assistir alguma coisa?

Seu queixo se ergueu, mas ela não olhou para mim. Nas suas laterais, suas mãos se abriam e fechavam. — Eu posso?

Eu posso? Deuses, quando Alex estivesse melhor, ela iria enlouquecer. — Você pode fazer o que você quiser.

Uma tentativa de sorriso puxou seus lábios e seus cílios subiram, revelando aqueles olhos quebrados. Eu respirei lentamente, mas não ajudou em nada a aliviar a pressão apertando o meu peito. Seu olhar desviou do meu. — Você...

A porta abriu e Apollo entrou. — Aí estão vocês.

Alex congelou na frente da TV, como um animal selvagem que havia acabado de ser surpreendido. Então ela correu pela sala, se abaixando atrás de mim.

Ela ficou encolhida lá, puxando a parte de trás da minha camiseta.

Apollo parou abruptamente, sobrancelhas loiras arqueadas. — Ela se *escondeu* atrás de você?

Eu olhei feio para o deus. — Ela não é a mesma. Você sabe disso.

Ele piscou seus olhos totalmente brancos. — Eu sei. Apenas é inesperado. Ela é como uma pequena ninfa ou algo.

Escutar a palavra ‘ninfa’ sair da boca de *Apollo* acabou com o meu autocontrole. — O que você quer?

Apollo inclinou sua cabeça para o lado e falou baixo. — Nervosinho, nervosinho, Aiden...

Os dedos dela se afundaram nas minhas costas. Eu me movi para o lado, escondendo-a totalmente. Se Apollo tivesse olhos normais, eu tinha certeza que eles teriam se revirado nessa hora. Ignorando-o, eu sorri para ela. — Está tudo bem. Apollo não vai te machucar.

Ou pelo menos eu esperava que não.

Alex olhou para mim através de seus cílios. Pela primeira vez desde que ela tinha Despertado, eu vi confiança em sua expressão. Calor se derramou na caverna fria onde o meu coração ficava. Eu nunca tinha visto um mestiço

escravizado olhar para o seu Mestre desse jeito. Tinha que significar algo.

Apollo limpou a garganta. — E eu vejo que algumas coisas nunca mudam.

Eu fiz uma careta. — O que isso quer dizer?

— Ah, você sabe, esses olhinhos sonhadores de amor. Até mesmo quando alguém - *cof cof*, como eu, um deus - está parado bem na frente de vocês dois.

Eu revirei meus olhos, preparado para ignorar esse comentário, mas Alex puxou minha camiseta. — O que ele quer dizer com isso? — Ela sussurrou.

Como eu deveria responder? O fato de que Alex não se lembrava de muitas coisas era primordial para mantê-la longe do Seth, mas eu não tinha certeza de quanta informação dividir com ela. E ela estava realmente me fazendo uma pergunta, o que era uma coisa enorme. — Eu te explico depois.

Apollo deu uma risadinha. — Eu adoraria ouvir essa conversa. — Meus olhos se estreitaram, e ele sorriu. Algumas vezes eu acho que o único propósito dele era me irritar. – Aconteceu algo que eu acho que você deveria estar ciente a respeito.

Eu duvido que fossem notícias boas. Comecei a responder, mas Alex puxou a minha camiseta mais uma vez e sussurrou, — Minha cabeça dói.

— Eu vou arrumar algo para isso daqui a pouco. Ok? — Lançando seus olhos para baixo, ela assentiu.

Eu queria apressar isso. Mudando para o lado, eu encobri a Alex. — Isso tem a ver com... o outro?

Entendendo que eu queria dizer o Seth, ele assentiu. — Ele não está feliz por ser incapaz de realizar contato. Os espiões do Dionísio disseram que tanto ele quando o Ministro estão ficando agitados.

— Eu aposto. — Ninguém realmente sabia como Seth reagiria uma vez que a ligação fosse quebrada. Eu senti a Alex dar uma olhada por de trás de mim. Ela estava observando Apollo com olhos arregalados. Ele sorriu para ela, e ela deu a ele um sorriso hesitante. — Ele fez alguma coisa? — Perguntei.

— Humm, se você contar a obliteração de dois Sentinelas que se recusaram a se juntar a causa? Então sim.

— Deuses, — Murmurei, mudando de lado novamente quando Alex se mexeu atrás de mim.

Apollo inclinou seu pescoço para o lado, seguindo os movimentos nervosos de Alex. — Eles não se moveram contra o Covenant de Tennessee ainda, mas cerca de cinquenta Sentinelas deles se afastaram e parecem estar seguindo na direção do Covenant de Nova York. Ele ainda está com o Ministro.

— E se eles chegarem em Nova York, o que vai acontecer?

A expressão dele se tornou pesarosa. — Eu deixei algumas coisas saírem do Olimpo, apenas no caso daqueles Sentinelas estarem planejando algo.

Pavor floresceu. — Algumas coisas?

— Algumas das criações mais interessantes de Hephaestus... principalmente o Khalkotauroi.

Eu engasguei com a minha respiração. Eu devo ter ouvido errado. Os Khalkotauroi eram automações - touros de bronze que respiravam fogo - mas eles não eram como o que era conhecido no mito de Jasão e o Velocino de Ouro. Primeiro, não eram apenas dois deles. Eles eram centenas, e eles andavam sob duas patas. Como todas as criaturas que pertenciam aos deuses, eles foram reunidos e enviados para o Olímpo quando os deuses se retiraram do mundo mortal.

— E o que acontece se um mortal vê-los?

Apollo arqueou uma sobrancelha. — Os Khalkotauroi sabem como ficar escondidos, mas se Nova York - ou qualquer um dos outros Covenants - ficarem sob cerco, isso será um ponto discutível. O mundo mortal irá se tornar bem ciente de que alguns mitos são verdadeiros.

Não havia realmente nada a dizer sobre isso, e a minha mente já estava ocupada com muitas preocupações para dedicar tempo para este último acontecimento.

Apollo foi embora, mas não antes de tentar falar com uma Alex nervosa que não queria nada com ele, para sua diversão. Espantava-me que o mundo inteiro estava à beira da guerra e Apollo estava rindo.

Claro, essa provavelmente não era a primeira vez dele no rodeio.

Quando o Apollo foi embora, ela me olhou, sua expressão fechada. – A minha cabeça... dói.

— Eu vou arrumar algo agora.

Quando eu a deixei para trás para pegar aspirina, ela seguiu, nunca se afastando muito longe do meu lado. Tomando as duas pílulas sem questionar,

eu percebi então o quanto essa confiança podia ser abusada - e era com muitos outros mestiços - nas mãos erradas. Um tipo de medo doente e retorcido se ergueu com essa realização.

A aspirina não pareceu funcionar. Alex se retirou ainda mais para dentro de si, olhos bem fechados durante a maior parte do filme que eu havia colocado. Uma voz escura apareceu na parte de trás da minha cabeça, permanecendo constante mesmo depois de ela ter dormido e eu a carregar para a cama, seu peso aparentemente inexistente.

Sua dor de cabeça era um sinal.

O Elixir estava passando. Amanhã seria o quarto dia.

A idéia de dar a ela outra dose me corroía. Horas se passaram enquanto eu estava deitado no sofá, encarando o teto, vendo os pedaços finos de luar alcançar a escuridão. A colcha se retorcia nas minhas pernas enquanto eu me virava para o lado.

Eu poderia fazer isso novamente? Dar a ela algo que destruía a sua essência e vê-la tomar com aquela confiança inata em seus olhos?

Eu apertei meus olhos, cruzando os braços embaixo da minha cabeça. Não havia outra escolha. Apollo precisava encontrar uma maneira, porque ela não conseguiria fazer isso sozinha. O sono finalmente me dominou, mas não durou muito.

Eu acordei sobressaltado mais tarde. A escuridão cobria a sala e o sofá parecia infinitamente menor do que antes. O aroma de... pêssegos me cercava.

Algo quente e macio estava pressionado na minha lateral, se aproximando.

Mãos apertaram a minha velha camiseta que eu havia colocado no dia anterior.

Meus olhos se abriram.

O topo da cabeça de Alex entrou na minha visão enquanto ela colocava sua bochecha no meu peito e deixava sair um pequeno suspiro. Cada músculo no meu corpo ficou tenso.

Eu estava sonhando? Eu acho que parei de respirar. O que ela estava fazendo aqui, no sofá... comigo?

— Alex? — Minha voz estava rouca. — O que você está fazendo?

Ela ergueu a cabeça o bastante que eu pude ver os pedaços de âmbar através de seus olhos. Os olhos despedaçados eram a pior coisa de se ver à

noite. — Minha cabeça dói.

Eu comecei a me sentar, mas Alex se mexeu, jogando uma perna por cima da minha como se ela estivesse pedindo para eu não me mexer sem dizer uma palavra. — Hã... — Eu nunca tinha estado tão inseguro na minha vida, ou tão incapaz de ler uma pessoa. — Você quer que eu vá pegar mais aspirina?

— Não. — Ela colocou a cabeça no meu peito novamente, se acomodando. — A sensação é melhor agora. Vazio.

Eu engoli. Com dificuldade. — Vazio?

— Aham, — Ela murmurou, estremecendo. — É mais silencioso quando eu estou perto de você.

O meu coração parou de bater por um segundo. — Silencioso? Você está ouvindo coisas? Uma pessoa?

— Eu não sei. É como... — Ela bocejou, abrindo suas mãos no meu peito. – É como se alguém estivesse falando comigo de longe, muito longe. Isso me torna...?

Seth. Raiva surgiu através de mim e eu lutei para mantê-la longe da minha voz. — O quê?

— Louca? Isso me torna louca?

— Nem um pouco, *agapi*. — Eu abaixei um braço e o estiquei para baixo, puxando a colcha para que cobrisse o máximo que pudesse dela. — Você consegue entender o que a voz está dizendo?

Ela balançou a cabeça. — Eu não quero saber. Eu não tenho que saber, tenho?

— Não. — Eu sofria por ela.

— Bom, — ela disse, e eu me perguntei se ela tinha sorrido. – Eu posso ficar com você?

— Sempre. — Bons deuses, eu não a queria em nenhum outro lugar.

Silêncio caiu entre nós, e a respiração dela se tornou constante e profunda. Então as dores de cabeça eram sinais de que Seth estava tentando entrar em contato com ela, o que explicava os breves lampejos de dor que eu havia visto antes do Elixir e confirmava as minhas suspeitas. A conexão machucava de alguma forma. E agora a ligação estava silenciada, mas isso significava que ela definitivamente precisava de outra dose amanhã.

Uma nova onda de fúria passou através de mim, mas eu mantive o meu corpo relaxado, sem querer assusta-la. Eu realmente acreditava que o Seth

tinha começado a gostar da Alex, talvez até mesmo amá-la da maneira dele... seja que maneira fosse. Especialmente depois que o Caleb morreu, ele gostava dela, a protegeu quando eu não consegui. Em Nova York, ele cuidou dela e teria matado sem pensar duas vezes para se certificar que ninguém descobrisse que ela tinha matado um sangue puro em autodefesa. Isso tudo tinha sido um ardil? Um ato para garantir que a Alex vivesse para que ela pudesse ser Despertada, dando a ele o poder de um Assassino de Deuses?

Sim, eu nunca havia confiado realmente no idiota, momentos quando eu havia visto algo que eu nunca conseguia nomear em seus olhos frios - olhos que haviam pertencido à Alex por um período de tempo. Algo a respeito dele havia acionado o meu alarme interno e me irritava como nada mais. Isso poderia apenas ter sido o interesse dele na Alex, mas mesmo assim...

Eu nunca esperei que ele a machucasse.

Se eu colocasse minhas mãos naquele bastardinho, eu iria matá-lo ou morrer tentando.

Mas nesse momento, Alex estava deitada ao meu lado, e pro inferno que eu iria ficar pensando no Seth. Muito cuidadosamente, eu abaixei o meu braço esquerdo e abracei a sua cintura muito fina. Outro suspiro suave escapou dela. Ela parecia incrivelmente pequena ao meu lado. Como eu não notei isso no passado? Talvez porque tudo que eu conseguia ver nela era sua força.

Eu poderia ter sugerido que ela voltasse para a cama ou que nós dois fôssemos para lá, mas eu não tinha vontade ou desejo de movê-la. Não quando ela estava tão perto de mim assim, soltando memórias agridoces e tenras. Eu relembrei dos dias que eu passei na casa dos meus pais e o breve período em Ohio.

Alex murmurou algo e inclinou sua cabeça para trás, roçando a ponta de seu nariz ao longo do meu queixo e mandíbula. Uma grande quantidade de calor se espalhou através de mim e antes que eu percebesse o que eu estava fazendo, eu virei minha cabeça. Meus lábios roçaram a sua testa.

— Boa noite, Aiden...

Meu pulso se acelerou e um sorriso puxou os meus lábios - um sorriso verdadeiro. — Boa noite, *agapi*.

Capítulo 8

Alex tomou o Elixir e a compulsão sem protesto na manhã seguinte. Quatro dias depois, o fez de novo. A cada vez, eu era mais afetado pelo processo do que ela. Alex não entendia realmente o que eu estava lhe dando, apenas que depois eu falava com ela em Grego e ela estava geralmente cansada.

Mas a cada dia que passava, um pouco de seu antigo eu era perceptível enquanto estávamos sozinhos. Sua típica língua afiada ainda estava ausente, muito para minha consternação. Quem teria sabido o quão mal eu sentiria falta de suas respostas espertinhas? Ela sorria mais frequentemente e embora raramente saísse do meu lado, não surtou tanto quando Lea e Luke apareceram para nós um dia. Eles foram bons com Alex, se não um pouco chocados com o quão diferente ela estava. Eles não ficaram por muito tempo.

Acho que isso os assustava - ver o quão bem real o Elixir era, o que poderia fazer com eles. Como isso despiu Alex a nada mais do que uma concha. Apanhei Lea encarando-a uma vez, e era claro o que ela estava pensando. *Isto poderia ser eu*. Ela estava se vendo nos olhos opacos e despedaçados de Alex.

No terceiro dia, as dores de cabeça começaram, e cada vez que ela olhava para mim e mencionava a dor, eu queria quebrar cada uma das costelas de Seth individualmente.

Uma espécie de rotina desenvolveu-se entre nós enquanto esperávamos Apollo aparecer, esperançosamente com boas notícias. Nós passávamos o dia juntos e à noite ela eventualmente fazia seu caminho para o sofá. Admitidamente era a minha parte favorita do dia. A cama ainda estava fora dos limites. Havia uma intimidade nisso, uma que eu desejava e tinha um inferno de um tempo recusando, mas com ela assim, isso teria cruzado a linha.

Alex tirou o tabuleiro e colocou-o sobre a mesa de café enquanto eu a observava. Deuses, eu amava apenas observá-la. Soava arrepiante como o inferno, eu sei, mas meus olhos apenas a buscavam. Havia uma graciosidade sobre ela que ela tinha retido, mesmo depois de três doses.

— Jogamos? — Ela se deixou cair no chão do outro lado da mesa de

café.

Eu estive a ensinando a jogar xadrez. Quando assenti e me movi para sentar no chão, ela agarrou um dos peões e colocou-o na fileira mais perto dela.

Ensiná-la como jogar não estava realmente indo bem.

Quando ela desviou o olhar, estendi a mão, substituindo o peão por um cavaleiro. Juntando as mãos sob o queixo, ela ouviu enquanto eu passava pelas regras novamente. Uma vez que eu terminei, ela foi primeiro, movendo um peão para a frente um espaço.

Tentei retratar jogar xadrez com Alex em um tempo diferente, como há um mês. Imaginá-la sentada parada por tempo suficiente e tendo a paciência para um jogo como o xadrez era impossível. Conhecendo-a, ela teria atirado uma peça de xadrez por agora. Eu ri.

O queixo de Alex sacudiu para cima e ela sorriu abertamente. — O quê?

— Nada, — Eu lhe disse.

Ainda sorrindo, ela rastejou e sentou-se ao meu lado, então alcançou através do tabuleiro, movendo outro peão direito para a posição a ser tomada pelo meu. Ri de novo. — Você não pode sentar-se ao meu lado e jogar xadrez, *agapi*.

Seus ombros se levantaram. — Eu gosto de me sentar ao seu lado. — E eu gostava, também. Movi um peão para a frente, sem tomar o dela.

— Eu gosto quando você ri, também. — Ela colocou um dedo sobre os lábios, suas sobrancelhas se enrugando enquanto ela estudava o tabuleiro. — Acho que eu apenas gosto de você. — Minha boca abriu mas nada saiu.

— Às vezes sinto... sinto que eu deveria estar fazendo mais, — ela levantou uma torre, — do que isto. Com a minha vida. — Ela colocou-o de volta e olhou para cima, procurando o meu rosto. — Com você, também.

Eu sabia que precisava dizer alguma coisa, mas havia tanto que eu queria dizer.

Ela deslizou mais perto e descansou a cabeça no meu ombro. Um batimento cardíaco se passou. — Eu tenho estas lembranças. Elas são como sonhos. Algumas são realmente boas e outras são escuras e vermelhas. — Ela esfregou sua bochecha contra meu ombro. — Eu sei que há mais... de tudo isto.

— Há, — Sussurrei, observando seus cílios abanarem suas bochechas e seus lábios se separarem.

— Eu gosto disto. Gosto quando você me abraça à noite. Parece certo… real. — Ela fez uma pausa, seus cílios levantando. — Obrigada.

— De nada. — Minha voz soou - pareceu - pesada.

Alex levantou a cabeça, lábios franzidos. — Tenho a sensação de que você não diz isso frequentemente.

Minha respiração ficou presa. Uma bola de emoção se formou no meu peito. — Eu não digo.

— Você gosta disso? — Ela fitou o tabuleiro, seus dedos agora pairando sobre as peças erradas.

— Claro que gosto, *agapi*. — Deslizei um braço em volta de seus ombros e me inclinei, pressionando meus lábios contra sua têmpora, depois sua testa. Suas bochechas aumentaram com seu sorriso e assim fez o meu peito, e aquela bola apertou e apertou. Pressionei meu rosto na massa de cabelos ondulados e inalei.

Apollo dissera que sabia do que este tipo de amor era capaz. E eu finalmente entendi por que Páris arriscara seu país e seu sangue por Helena. Egoísta, sim, mas eu entendi. Eu incendiaria o mundo se isso significasse que Alex estaria segura.

— Toc, toc, — Veio a voz de Deacon.

Alex enrijeceu.

Afastando-me dela, olhei para cima. Ele estava de pé na porta, um leve sorriso no rosto. Retirando meu braço, fiquei de pé, surpreso de notar minhas pernas fracas.

Os olhos de Alex saltaram do meu irmão para mim e ela deve ter lido algo nos meus olhos, porque relaxou e voltou para o tabuleiro de xadrez.

— O que há? — Perguntei.

Ele passeou para dentro do quarto. — O que há com você?

Meus lábios se contraíram. — Jogando xadrez com Alex.

— Estimulante. — Deacon observou Alex mover suas peças de xadrez ao redor do tabuleiro em nenhuma ordem particular. — Luke esteve em contato com Olivia. Ela está com a mãe dela e elas se uniram a Laadan. Elas querem vir aqui.

— Se estão com Laadan, então eu confio nelas. Obtenha a permissão de Marcus, entretanto.

— Eu gosto de Marcus. — Alex ficou de pé e andou lentamente na minha direção.

Deacon arqueou uma sobrancelha. — Agora, isso é bizarro…

— Deacon, — Eu adverti.

Alex sorriu para mim, segurando um bispo em sua mão. — Xeque-mate?

Ele gargalhou. — Bons deuses, ela é como Rain Man[8]. — Raiva chicoteou por mim tão rápido que eu vi vermelho, e então Alex franziu o cenho.

— Este 'Rain Man' é uma coisa boa? — Ela perguntou.

Dando um passo em direção ao meu irmão idiota, eu explodi. — Dê o inferno fora daqui antes que eu te estrangule.

Olhos arregalados, as mãos de Deacon voaram para cima. — Whoa, eu só estava brincando. Quero dizer, vamos lá, ela está bastante aleatória agora.

Fúria me percorreu. Ele era meu irmão. Eu o amava, mas caramba, ele nunca pensava antes de falar. Com voz baixa, eu disse, — Você ao menos sabe o quão insultante isso é para Alex?

Ele piscou, suas bochechas corando. — Eu não estava pensando…

— Não brinca.

— Eu não quis dizer nada com isso, Aiden. Sinto muito. — Seu olhar foi para trás de mim e ele franziu o cenho. — Realmente sinto. — Respirando fundo, deixei a raiva incandescente escorregar da minha pele sensível.

— Eu sei. É só que… — Não havia nenhuma necessidade de terminar. Deacon sabia. — Eu não pretendia... gritar com você. Apenas deixe Marcus saber sobre Laadan e Olivia. Okay?

Deacon parecia querer falar mais, mas sabiamente assentiu e recuou do quarto.

Suspirando, eu me virei. — Alex…

O local onde ela estivera estava vazio. Droga. Eu deveria ter sabido melhor. Gritar e ameaçar sufocar Deacon na frente dela não tinha sido sábio. Eu ficava esquecendo que esta não era Alex.

Esta era uma garota assustada.

Meus olhos esquadrinharam o quarto, parando na porta do armário de linho. Estava entreaberta, revelando uma fina faixa de escuridão. Ela não iria…

Pensar em Alex - minha forte, linda e resiliente Alex - escondida em um armário me matou. Por um batimento cardíaco, eu não consegui me mover ou respirar. Eu tinha feito isto a ela - dado a ela o Elixir, a transformado em algo

que corria quando vozes se levantavam. E eu queria culpar Seth por sua influência, o vínculo que forjara com ela que nos levara a esta escolha, mas eu fora aquele quem forçara o Elixir pela sua garganta.

Não havia perdão para mim.

Esmagando a mistura rodopiante de pesar e fúria, fiz meu caminho até o armário e lentamente abri as portas duplas. Era um armário profundo, com várias prateleiras no topo abastecidas com colchas. Algumas bolsas de roupas pendiam de um trilho. Meu olhar caiu. Cinco minúsculos dedos do pé espiavam de detrás de uma bolsa.

Fechei os olhos e praguejei sob a minha respiração, e então eu afastei as bolsas de lado. O pé de Alex sacudiu para trás, e pude ouvi-la se movendo mais profundamente para dentro dos recessos. Ajoelhando-me, eu a encontrei pressionada contra a parede, joelhos dobrados contra o peito e olhos arregalados.

— Oh, Alex…

Ela me observou cautelosamente. — Meu nome é Alexandria. — E simples assim, todos aqueles dias de atraí-la para fora da concha-induzida-pelo-Elixir se perderam.

— Okay. — Sentei-me de pernas cruzadas e arrastei os dedos pelo meu cabelo, debatendo sobre como proceder com isto. Deacon costumava ter pesadelos quando era criança. Ele não se escondera no armário, mas gritara como uma fúria. Eu costumava ler para ele. De alguma forma, eu duvidava que isso funcionaria agora. — Tudo bem com você?

Um momento se passou. — Eu não gosto de gritos.

— Eu sei. Sinto muito. — E eu sentia. — Mas eu nunca machucaria Deacon. Ele é meu irmão.

Confusão cintilou sobre seu rosto. — Você disse que ia estrangulá-lo.

Eu realmente queria estrangulá-lo agora. — Eu não quis dizer isso. Às vezes dizemos coisas que não queremos dizer quando estamos chateados.

Ela pareceu considerar isso. — Quando você gritou, eu vi algo.

— O quê? — Eu avancei ligeiramente para a frente, cuidadoso para não surpreende-la. — O que você viu?

Abrindo as mãos, ela baixou o olhar fixo para elas. O bispo estava em sua mão, deixando para trás marcas vermelhas de raiva de quão firmemente ela esteve segurando-o. — Sangue - havia sangue em minhas mãos, mas não estava lá. Não realmente.

Eu não tinha ideia do que ela quis dizer com aquilo, mas tinha me movido para o lado dela, enquanto estava falando, e ela não pareceu notar. Sentei-me ao seu lado, esticando as pernas para fora no espaço limitado. Meu ombro roçou o dela, e seus olhos dispararam para o meu rosto, questionadores e indecisos mas não assustados.

— Ainda há sangue em suas mãos agora?

Alex balançou a cabeça. — Eu ouvi algo, também. Era uma voz, — ela continuou suavemente. — Era importante.

Meu estômago afundou. Eu não gostava de para onde isto estava indo, ao que isso levaria. Se ela estava começando a se lembrar de coisas, isso significava que ela precisaria de outra dose, outra compulsão. E eu tinha apenas dado a última dose há dois dias. Suspirei. — O que é?

Seus dedos se torceram ao longo das bordas do bispo. — Você vai matar aqueles que ama. — Ela levantou o olhar. Lágrimas cintilavam em seus olhos. — Eu matei?

— Alex… — Não havia palavras para isto. Seu lábio inferior começou a tremer, e meu coração apertou. Minha decisão foi tomada. — Não. Você nunca matou ninguém.

Ela piscou e sua voz foi apenas um sussurro abafado. — Não matei?

— Não, *agapi mou*, você não matou. — Enxugando sob seus olhos com as suas mangas, ela suspirou. Dor encheu até a superfície, assim como confusão. — Eu sonho que matei, uma e outra vez.

Sorri para ela mesmo enquanto sentia meu peito se constringindo. — São apenas sonhos. Isso é tudo.

Vários momentos se passaram, e depois ela se pressionou contra mim, se mexendo até espremer seu corpo sob meu braço. Ela enrolou-se, sua cabeça descansando contra meu peito e meus braços cruzados sobre os dela. — Você é muito bom, ainda que diga coisas más que não quer dizer.

Balancei a cabeça, mas passei meus braços em volta dela. — Eu já te contei sobre a primeira vez que te vi?

Ela estremeceu. — Não.

Fechando meus olhos, eu a senti se aconchegar mais perto. Minha mão se enrolou no material grosso de seu suéter. Descansei meu queixo em sua cabeça. — Eu tinha dezesseis e você provavelmente tinha catorze.

— Não consigo me lembrar de catorze.

— Está tudo bem. Eu me lembro por nós dois. — Contei até dez antes

de continuar, certificando-me de que minha voz não cedesse. — Era perto do fim do dia e eu estava me dirigindo às salas de treinamento com um amigo. Aulas ainda estavam acontecendo, e eu estava andando perto da porta - estava aberta - e ouvi risos. Algo que você geralmente não ouve durante o treinamento. Tive que parar e ver o que estava acontecendo.

Foi a primeira vez que eu a tinha visto. Ninguém poderia deixar de nota-la. Ela era a menor na sala, mais baixa e mais magra do que todos os seus adversários, mas não foi por isso que ela se sobressaiu. Tinha havido este sorriso endiabrado em seu rosto, uma energia que era contagiante quando saltara ao redor das esteiras, circulando um garoto alto, de cabelo loiro. O Instrutor ficara irritado, sem dúvida por ela e pela atenção que estava atraindo de um puro e uma turma inteira cravada nela. Mas uma vez que eu a tinha visto, não consegui desviar o olhar. Foi como ser atingido por um raio.

— Você estava treinando com Cal - com um amigo - passando por movimentos de quedas. Ele continuava tentando obter a vantagem, mas você continuava derrubando-o, rindo o tempo todo. Vocês dois estavam rindo. Foi por isso que eu olhei.

— Você me conheceu então? — Ela perguntou sonolenta.

— Não. — Segurei-a mais perto, como se eu pudesse de alguma forma puxá-la para dentro de mim e mantê-la segura. — Mas eu soube, naquele momento, que você era incrível.

Capítulo 9

Apollo apareceu logo após a quarta dosagem de Alex sem nenhuma notícia. Os Sentinelas não tinham alcançado Nova Iorque. Eles tinham parado na Pensilvânia e se espalhado. Os Khalkotauroi seguiram. Seth e Lucian ainda estavam fora de Nashville. Pela aparência disso, o exército deles quase duplicara.

Ter tantos Sentinelas dispostos a ficar ao lado deles não era tão surpreendente assim para mim. Fora oferecido a eles algo que nenhum de nós jamais fornecera, e eles estavam dispostos a morrer pela liberdade.

E havia uma boa chance de que eles iriam, de acordo com Apollo.

— Hades, Poseidon, e Deméter, — Apollo enumerou os nomes em seus dedos, seus olhos de um azul vibrante. — E Ares, que está entusiasmado a propósito, e Hermes, e Hera todos se comprometeram a guerra.

— Hera? — Esfreguei meu queixo. — Pelo menos, temos Zeus.

Apollo revirou os olhos. — Isso não significa muito. Ele provavelmente está ao nosso lado apenas para perturbar Hera, mas temos Atena e Ártemis. Isso é algo.

— Então, eles estão dispostos a esperar e ver? A nos dar tempo?

Ele assentiu. — Eles não querem ver outra guerra. Não depois do que aconteceu com os Titãs. Tantos mortais foram perdidos durante aquele tempo, e com a população agora, a perda seria várias vezes maior.

E nossa única esperança era que Alex pudesse de alguma forma quebrar a conexão com Seth e derrota-lo. Olhei para a garota adormecida enrolada ao meu lado no sofá. O panorama era desolador. — E ninguém encontrou nada para quebrar a conexão?

Apollo suspirou. — Não há nada que qualquer um de nós possa encontrar, Aiden. Não nos velhos mitos ou pergaminhos. E se um dos outros seis sabe, eles não estão contando. — Olhou de relance para Alex e carinho se infiltrou na frieza de sua voz. Assim como uma grande tristeza que fez terror explodir em meu intestino. — Já percorri todas as profecias. Elas não mudaram. Um para destruir. Um para salvar. Apenas um pode viver durante qualquer geração. — Ele se inclinou para trás, sacudindo a cabeça. — Não posso deixar meus irmãos irem à guerra.

Coloquei minha mão no ombro de Alex. — Você está desistindo dela?

— Eu estou me preparando para o pior. — Apollo ficou de pé. — E não me bata, Aiden, mas acho que você precisa começar a se preparar para isso, também.

Minha pele queimou e eu disse em uma voz apertada, — Você já me pediu para coloca-la no Elixir, e eu te disse então que você pediu demais, mas eu fiz isso. Me pedir para desistir é inaceitável.

— Não é desistir. — Ele se agachou, encontrando meu olhar fixo. — Eu iria garantir que ela fosse cuidada, até mesmo permitir que ela se visitasse. Poderíamos fazer uma coisa tipo Perséfone.

Suguei uma respiração estridente que voltou a sair soando como um rosnado. — Você está me pedindo para deixar que você a mate.

— Eu iria garantir que não houvesse nenhuma dor, — ele disse, ficando de pé de novo. Ele deu as costas – ousado, considerando que eu estava perto de enfiar uma adaga nelas. — Isto não é fácil para mim. Eu me importo com ela. Ela é basicamente uma filha minha. E eu tenho cuidado dela por anos, muito mais tempo do que você a conhece. — Ficou de frente para mim, mãos nos quadris. — Isto não seria apenas sua perda, mas apenas um deles pode viver e eu não posso fazer uma maldita coisa sobre Seth. Eu nem a quem ele está ligado.

Minha mão se enrolou em um punho enquanto me movia para ficar entre Alex e Apollo. — Saia.

— Aiden…

— Eu quero dizer isso. Saia.

Seus olhos piscaram para totalmente branco. Sem pupilas. Sem írises. — Só permito que você fale assim comigo porque conheço seu amor e dor, porque eu mesmo já senti isso. Hyacinth não foi transformado em uma flor por meus irmãos. Fui eu quem fez isso. Foi a única maneira que pude salvá-lo deles. Então eu sei o que o amor faz e a dor que vem desse tipo de sacrifício. Mas não se engane, não me arrependo do que tive que fazer. E eu vou fazer isso de novo.

Permaneci no local entre eles, minhas pernas bem abertas, tão pronto para a batalha que podia sentir o gosto dela. — E não se engane, Apollo, eu não vou fazer o mesmo sacrifício.

Eu não podia suportar ficar dentro da casa por mais tempo. Meus nervos estavam esticados, meu corpo pronto para lutar. Sede de sangue invadira meu

sistema.

Precisava de ar fresco.

Assim como Alex. Uma vez que acordara, ela tinha estado por todo o lugar, incapaz de ficar parada por mais de cinco minutos.

Pela primeira vez desde que tinha Despertado, eu a levei para o lado de fora. Ver a alegria acender seus olhos e a brisa fresca escovar o cabelo fora de suas bochechas diminuiu a escuridão crescendo dentro de mim. O salto quase-hiperativo em seu passo conforme fazia seu caminho em torno de galhos caídos e arbustos me lembrou da velha Alex.

Especialmente quando ela parou de repente, espiando um pequeno riacho mais adiante. Ela girou rapidamente e jogou os braços ao meu redor.

Surpreso com o afeto súbito, eu congelei, depois envolvi meus braços em torno de sua cintura e me inclinei para trás. — Pelo que é isso?

Alex encolheu os ombros. — Eu quis.

Peguei sua mão enquanto ela se soltava oscilando. — Eu gostei disso.

Ela sorriu. — Talvez eu vá fazer de novo. — Olhando sobre seu ombro, excitação cantarolou através dela. Ela me puxou para a frente.

Soltando sua mão, eu parei. Ela olhou por cima do ombro de novo, sobrancelhas unidas. — Você pode ir, — Instei.

— Você tem certeza?

Assenti, e depois me inclinei contra um velho carvalho. Seu olhar disparou sobre meu rosto e ela pareceu encontrar o que quer que estivesse procurando. Virou-se, lentamente partindo em direção ao leito do córrego. Seus passos foram rápidos, mas não espasmódicos. A energia ansiosa que esteve sentindo o dia todo iria eventualmente crescer. Dor incapacitante iria assalta-la de novo assim que sua tolerância ao Elixir crescesse e Seth começasse a alcança-la.

E se eu não lhe desse uma dose maior junto com uma compulsão de reforço, a ligação entre eles se formaria novamente.

Fechando meus olhos, derrubei minha cabeça para trás. Tinha de haver outra maneira. Nós não podíamos continuar fazendo isto com ela. Mais cedo ou mais tarde, os efeitos do Elixir não iriam se desgastar. Ela estaria assim para sempre - para sempre presa entre a Alex tenaz e de temperamento forte e esta ingênua, diluída Alexandria. Fazer isto com ela não era certo. O erro disso revestia minha boca e garganta como bile. Era ácido se agitando no meu estômago, queimando um buraco pela minha alma.

E Apollo… ele estava desistindo, mesmo se não quisesse admitir isso - desistindo e se preparando para matar Alex.

Cerrando minha mandíbula, abri os olhos. Alex estava sentada sobre um tronco caído próximo ao córrego de lenta movimentação. Ela segurava algo em suas mãos - flores? Seu rosto estava virado para o lado e seus lábios estavam puxados para baixo nos cantos.

Tristeza se infiltrara em seus traços.

Eu me empurrei da árvore mas parei quando ela colheu uma pétala e a colocou sobre o tronco. Depois outra e outra, até mais ou menos dez pétalas formarem um círculo solto ao seu lado. Ela colocou mais duas, completando o círculo, e depois mais duas dentro do círculo.

Meu peito se apertou e, sem qualquer aviso, uma fissura de energia escorregou sobre a minha pele. Eu me virei, esperando encontrar Apollo - ou pior ainda, um deus não amigável. Suguei uma respiração afiada.

Um brilho etéreo cercou a forma feminina e lentamente desapareceu, revelando uma mulher esbelta que era mais alta que eu. Lírios adornavam o cabelo castanho que tinha sido empilhado em cima de sua cabeça em um intrincado labirinto de tranças. Um vestido branco diáfano cobria seu corpo e deixava muito pouco para a imaginação. Senti que devia desviar o olhar, mas não conseguia. Ela era quase dolorosamente bela - irreal.

Um fraco sorriso apareceu. — Olá, Aiden. — Sua voz era uma sinfonia, e comecei a me curvar, mas ela me parou com uma mão levantada. — Isso não é necessário. Ao contrário dos meus irmãos e irmãs, eu não tenho um gosto por formalidades.

Levei alguns momentos para encontrar minha voz. — Você é uma das Moiras... uma das Parcas.

— Eu sou Cloto.

Medo formou uma bola fria e dura no centro do meu peito. Cloto era responsável por fiar o fio da vida humana, mas também decidia quando os deuses poderiam ser salvos ou condenados à morte. Dei uma olhada por cima do ombro para Alex. Será que seus poderes se estendiam a criaturas divinas, também? Eu me movi para bloquear Alex de sua visão.

A risada de Cloto era suave e melodiosa. — Eu não estou aqui para prejudica-la, e mesmo se estivesse, não posso cortar o fio dela. Nem Átropos pode.

Aliviado por esse pedaço de informação, enfrentei a deusa. — Por que

você está aqui?

— Estive observando você e ela. — Ela deu um passo para o lado. Luz do sol rompeu por entre os galhos, atravessando seu ombro nu e sobre seu vestido. O material tremeluziu. — Dói em você vê-la assim, eu sei. Você a ama demasiado.

Não vi nenhuma razão, nenhum ponto, em mentir para uma deusa do Destino. — Mais do que qualquer coisa neste mundo, e sem ela… — Limpando a garganta, desviei o olhar. Eu não consegui terminar a frase, muito menos o pensamento.

— Continuar seria como existir com um pedaço de você faltando? — Ela assentiu quando olhei para ela de novo. — Seus fios estão interligados. Não por obra minha, você vê?

Eu não via uma maldita coisa. Agora eu entendia a frustração de Alex quando ela tinha falado com o oráculo. Abri minha boca, mas a fechei.

Compreensão deslizou sobre minha pele como óleo grosso. — Ela estava Destinada a estar com Seth, não estava?

Ela olhou para mim e seu sorriso desvaneceu. — Ela estava, mas o Destino tem muitos planos para ela.

— O que vai acontecer com ela? — Perguntei antes que pudesse me impedir.

De alguma forma eu sabia que fazer a uma Parca esse tipo de pergunta igualava a pobres habilidades sociais.

— Você não pergunta por si mesmo?

Claro, curiosidade estava lá, mas meu destino não importava. Balancei a cabeça.

Suas sobrancelhas subiram. — A maioria não deixaria passar a oportunidade de aprender o seu destino, mas eu não posso te contar o que está à espreita para sua Alexandria. Algumas coisas são desconhecidas até mesmo para nós.

Desapontamento penetrou em mim, envolvendo o seu caminho em torno de meus ossos como uma atadura apertada demais. Voltei-me para Alex. Ela estava nos observando, olhos arregalados e mãos imóveis sobre as pétalas.

— Está tudo bem, — Gritei para ela.

Alex não se moveu por um minuto inteiro, e em seguida juntou todas as suas pétalas rasgadas, jogando-as uma por uma no córrego.

Cloto observava Alex também. — Os fios deles estão interligados de

perto – o do Primeiro e o dela.

Minhas mãos se cerraram. — E não há nenhuma maneira de que isso possa ser desfeito?

Ela inclinou a cabeça. — Não. Assim como os seus não podem ser desfeitos. Destino é destino, você vê, mas há uma coisa que não levamos em consideração quando fiamos os fios da vida, nem mesmo quando os cortamos.

Parte de mim não esperava uma resposta, mas perguntei, — O que é isso?

— Amor. Não levamos o amor em consideração.

Olhei para ela. — Sério?

Ela riu e isso foi carregado pela brisa. — Amor é uma criatura tão selvagem e imprudente. Não pode ser planejado ou tramado. Não pode ser controlado. Amor pode coexistir com Destino, ou pode desfazê-lo. Amor é a única coisa mais poderosa do que Destino.

As palavras foram lentas para afundar enquanto eu encarava a deusa. Foi por isto que a deusa fizera uma visita tão surpreendente?

Seus olhos brancos queimaram e cantarolaram com eletricidade. — Você quer saber como quebrar a conexão?

Minha respiração ficou presa. — Sim.

Simpatia enrugou a testa de Cloto. Dando um passo à frente, ela colocou uma pequena mão contra o meu peito, acima do meu coração. — Não há nenhum deus ou pessoa que possa quebrar a conexão deles, mas ainda há esperança. — Ela deixou cair a mão e deu um passo para trás, assentindo. — Há o coração, Aiden. Há amor, o que significa que sempre há esperança. — Então Cloto tremeluziu fora de foco e desapareceu. Sentindo como se meus nervos estivessem expostos, espreitei ao redor de galhos caídos e árvores derrubadas. Chegando ao lado de Alex, percebi que estava prendendo a respiração.

Algo estava se construindo dentro de mim, clicando junto.

Alex virou-se para mim, seus olhos despedaçados encontrando os meus. A mistura de marrom e dourado era tão bonita quanto era desoladora. Eu realmente olhei dentro deles, vendo a confiança que sempre estivera lá, devoção e amor enterrados profundamente dentro dela. Nenhuma ligação - nenhuma conexão - poderia completamente extinguir isso. Foi por isso que ela não destruíra o colar que eu tinha feito para ela.

Ainda havia esperança.

Cloto dissera que amor era mais forte do que Destino. Era essa realmente a resposta pela qual estivemos procurando? Amor - nosso amor um pelo outro?

Então me lembrei do que Alex me dissera. — *Eu não vou me perder, porque… bem, como me sinto sobre você, isso nunca me deixaria esquecer quem eu sou.*

De alguma forma eu esquecera isso. Acreditara que ela esquecera quem era, mas na realidade nenhum de nós, especialmente eu, tivera esperança uma vez que ela Despertara - não aquele tipo de esperança que não morre que fazia as pessoas passarem pelas coisas difíceis. Concedido, isto não era a coisa difícil comum que a maioria dos casais enfrentava.

E o que eu lhe dissera em seguida? — *Eu nunca te deixaria esquecer quem você é.*

Abaixando os cílios, ela abriu a mão e o resto das pétalas caiu de seu aperto, flutuando para o chão como pedaços de papel finos e rasgados. — É lindo aqui… e tranquilo. Podemos ficar por um pouco mais de tempo?

Eu não tinha certeza do que estava fazendo quando coloquei minhas mãos em suas bochechas, inclinando sua cabeça para trás. — Alex…

Em vez de corrigir seu nome, ela deixou passar. Seus olhos procuraram os meus. — Aiden?

Meus lábios se curvaram em um sorriso para ela - sempre para ela. — Você acredita no amor?

— Sim, — ela disse sem hesitação. — Você acredita?

— Acredito. — Minhas mãos deslizaram para seus ombros e ela estremeceu. — Eu acredito no amor.

Cílios grossos abanaram suas bochechas novamente e um sorriso inclinou seus lábios. — Eu acho que estou apaixonada.

Cinco palavras pararam meu coração quando enfrentar uma horda de daimons não conseguiria.

Ela mordeu o lábio e um fraco rubor manchou suas bochechas. — Sinto isso aqui, — ela disse, colocando a mão sobre o peito e depois contra o estômago, — e aqui. É como se não houvesse ar ou espaço suficiente dentro de mim. Que eu posso... estourar da minha pele ou me afogar nisso, e não seria uma coisa ruim. Eu não sei por que me sinto deste jeito, mas sempre sinto... e irei. — Ela inclinou o queixo para cima e seu rosto inteiro tinha uma

cor rosada. — É você. Eu… eu amo você.

Com o coração martelando, varri-a contra mim em um abraço feroz, erguendo-a do chão. Sua risadinha foi abafada mas leve. Enterrei meu rosto em seu cabelo. — Eu amo você, Alex, sempre você.

Capítulo 10

Determinação queimou por mim como um fogo justiceiro. Eu tinha um plano - tinha esperança - e nada ia parar o que eu estava prestes a fazer.

Depois de colocar uma Alex desgastada no quarto, eu rapidamente vesti meu uniforme de Sentinela. Um senso de legitimidade encheu-me quando prendi os punhais e atei os cordões do que Alex chamava de minhas botas de chutar traseiros. Sorri.

Eu não tinha usado o uniforme desde que tinha deixado a Ilha Divindade.

Endireitando-me, olhei no espelho. Barbeado e com o cabelo penteado para trás, eu parecia e me sentia como uma pessoa diferente. O fardo pesado que tinha se alojado em meus ombros tinha levantado no momento em que decidi o que ia fazer.

Saí do banheiro, fui verificar Alex, e dei um beijo em sua têmpora antes de descer. Levei alguns minutos para afastar o grupo de Sentinelas que tinha parado em seu caminho para leste. Mandei-os empacotar suas coisas.

Solos me seguiu. — O que você está fazendo, Aiden?

— Eles não pertencem aqui.

Ele olhou para mim quando fechei a porta atrás do último e recuei. — Eles viriam a calhar, se Seth descobrir onde estamos, você sabe.

— Não, não viriam. Ninguém iria impedi-lo se ele chegasse até aqui. — Ajoelhei-me, puxando uma adaga do Covenant. — Só Alex seria capaz de detê-lo.

— E Alex está no estado de espírito para impedi-lo?

— Ainda não.

Marcus entrou no corredor atrás de nós. — O que está acontecendo?

— Vá pegar Lea, Luke e meu irmão. Nós precisamos conversar. — Eu cortei minha mão, assobiando pelo flash de dor. Sangue brotou rapidamente. Eu coloquei minha mão no chão e comecei a desenhar o símbolo que tinha visto na casa de Lucian.

Marcus arfou. — Aiden, o que…?

— Pegue-os. — Eu terminei com o símbolo da serpente. Um instante depois, um flash de luz branca brilhante encheu o corredor. As paredes

estavam luminosas, selando a propriedade, impedindo Apollo de entrar na casa. Eu levantei, envolvendo um pano em volta da minha mão. — Eu vou explicar.

— Queridos deuses, espero que sim.

Solos ainda me encarava. — Aiden virou Rambo em nós. — Todos estavam reunidos no escritório. Energia nervosa cercava Lea e Luke. Só meu irmão parecia relaxado. Talvez ele tivesse visto essa versão de mim antes e sabia que nada poderia mudar minha mente uma vez que eu tinha decidido.

Nada, exceto Alex, e isto era sobre Alex - isto era *para* Alex.

Eu fiquei diante deles. — A única maneira de Alex quebrar a ligação é fazendo isso sozinha. Ninguém, nenhum deus, nenhuma mágica pode fazê-lo. Tem que ser *ela*. E eu acredito que ela pode fazê-lo se lhe derem a oportunidade.

— Nós não demos a ela a oportunidade? — Solos perguntou.

— Não o suficiente, — eu disse a ele, preparado para enviar sua bunda voando para fora da janela, se ele não concordasse. — Mas eu acredito nela - eu tenho esperança. E esperança é o que nós precisamos. Vou tirá-la do Elixir. — Marcus olhou para mim, depois assentiu. — O que Apollo tem a dizer sobre isso?

E aí estava o problema. — Ele está desistindo e está se preparando para matá-la. Apenas um deles pode viver e ela é a única que ele pode tocar.

Eles não questionaram o que isso significava, mas acho que tinham uma boa ideia.

Os olhos de Lea se estreitaram. — Ele não faria isso.

— Ele faria. E eu entendo o porquê. — Minha mandíbula doeu ao dizer essas palavras. — Ele tem que proteger a humanidade. Isso é o que ele faz. Mas eu não vou desistir dela. E se algum de vocês vai, sugiro que saia agora.

Ninguém se moveu, mas eu esperei, dando-lhes ampla oportunidade de escolher. — Não há dúvida em minha mente de que Apollo vai ficar puto quando perceber o que eu fiz e o que eu pretendo fazer. Se vocês ficarem aqui... — As palavras não ditas penduraram na sala. Eles sabiam. No topo de tudo o mais, eles enfrentariam a ira de Apollo.

Luke olhou para Deacon e sorriu. — Apollo é meio estranho, de qualquer maneira.

— Sem dúvida, — Deacon respondeu, balançando os ombros. — E hey, se você acredita em Alex, eu também. Você a conhece melhor do que

qualquer um de nós.

— Isso é verdade. — Marcus sorriu, inclinando-se contra o sofá. — Estou dentro.

Solos suspirou. — Isso é loucura, mas que inferno? Eu vim aqui para proteger Alex. Não para entrega-la para ser abatida como um cão.

Eu me virei para Lea, e pela primeira vez em muito tempo, ela sorriu. — Eu quero ver Alex chutar a bunda de Seth. Alguém tem de fazê-lo. Não seria justo ela morrer para ele viver.

Dei um suspiro de alívio. — Vocês sabem que isso pode ficar ruim, muito ruim.

Ninguém se moveu por um tempo, e depois Marcus caminhou para a frente, batendo a mão no meu ombro. — Nós protegemos as suas costas, Aiden. E as de Alex.

E isso era o que eu precisava ouvir. — Ela pode fazer isso. Eu sei que pode.

Deixei-os então, me retirando para o quarto. Cruzei o quarto para a cama e sentei. Alex agitou-se, consciente o suficiente para não resistir quando eu a puxei em meus braços, embalando-a ao meu peito. Eu me preparei, mas não da maneira que Apollo tinha querido dizer.

Alex não iria receber mais doses, e quando o Elixir passasse, eu faria o que sentia que era a pior coisa possível. Eu ia coloca-la de volta na cela, e então ia esperar.

Eu lutaria.

Alex. Seth. Uma enorme quantidade de deuses, se necessário. Ninguém ia levar Alex. Ninguém ia desistir dela ou machucá-la, nem mesmo Alex.

Apollo tinha transformado Hyacinth em uma flor para protege-lo. Eu daria Alex o controle de volta para que ela pudesse se proteger, em vez de tomar a decisão por ela. Era essa a nossa diferença dos deuses.

Baixei os lábios em sua bochecha e os mantive ali, segurando-a mais e mais forte. Os deuses queriam guerra?

Eles estavam prestes a tê-la.

Notas

[1] Bonnie Parker e Clyde Barrow, um jovem casal de assaltantes de banco e assassinos que aterrorizaram os estados centrais dos Estados Unidos durante a Grande Depressão no país.

[2] A palavra é pickle, que pode ser problema ou bebedeira.

[3] Do original ‘playing possum’, que é uma expressão que se refere a alguém que finge estar inativo, desatento, dormindo ou morto.

[4] Do original ‘cold cuts’, termo utilizado para se referir às carnes pré-cozidas ou curadas, algumas das quais fatiadas e servidas frias, em sanduíches ou como acepipes. São exemplos o fiambre, a mortadela, o paio ou o chouriço, entre muitas outras.

[5] Aqui ele faz um trocadilho com o nome dele, porque é St. Delphi, e o St. é abreviatura de Saint (Santo).

[6] Do original ‘bitch out’, que é quando alguém fica chateado sobre alguma coisinha insignificante.

[7] Trocadilho com o nome do monstro godzilla, porque ‘god’ também é deus. No sentido de libertarem a sua fúria no mundo.

[8] Expressão utilizada para alguém que pode ser inteligente ou particularmente bom em algumas áreas, mas socialmente retardado. A expressão veio do filme, que conta a história de Charlie, que viaja a um hospital psiquiátrico para descobrir quem é o beneficiário da fortuna de seu pai, e descobre que é Raymond, um irmão mais velho autista com Síndrome de Savant de quem nunca ouvira falar.

Table of Contents

Exilir
Guia de Pronunciação
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Notas